

A vintage microphone stands on a wooden podium in a lecture hall. The background is a blurred room with rows of seats and a ceiling with recessed lights. The text is overlaid on the image.

Ciclo de Seminários

do Memorial da
Imigração Judaica

Ciclo de Seminários

do Memorial da
Imigração Judaica



Ciclo de **Seminários**

do Memorial da
Imigração Judaica

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia,
por escrito, da Editora.

Projeto:

Plano Anual do Memorial da Imigração Judaica 2016

Programa de Ação Cultural – PROAC – Cadastro N° 20462

Créditos

Coordenação Geral
Rabino David Weitman

Responsável Técnico
Anna Machado

Textos/Tradução/Revisão
Editora Maayanot

Coordenação Editorial
Miguel Regen

Coordenação / Editora Maayanot
Ina Brugnara

Capa e diagramação:
Daniel Faliosa

Impresso no Brasil

Sumário

Introdução	7
A presença de judeus no reinado de D. Pedro II – Prof. Reuven Faingold.....	9
Genealogia e infância	9
Estudos e mestres de hebraico	10
Fornecedores e servidores	13
Lazer e cultura.....	14
Financistas e empreendedores	16
Judaísmo no exílio.....	17
Palavras finais	17
Bibliografia.....	18
Sobre o autor	19
A superação e a integração dos sobreviventes do Holocausto no Brasil – Marcio Pitliuk	21
Fotos e slides da palestra	21
Sobre o autor	37
Imigração judaica do Oriente Médio ao Brasil – Rachel Mizrahi	39
Imigrantes judeus no Brasil.....	41
Comunidades judaicas em S. Paulo	43
Os sefaradis em S. Paulo	44
Judeus orientais em S. Paulo	46
Refugiados judeus do Oriente Médio em S. Paulo	49
Expressividade dos judeus do Oriente Médio	51
Bibliografia.....	56
Sobre a autora	58
Assistência social judaica em S. Paulo – História e Memória – Therezinha Zaborowski Davidovich.....	59
S. Paulo – Início do século XIX	59
Bom Retiro	60

Entidades de Assistência Social – comunidade judaica de S. Paulo	60
Bom Retiro – S. Paulo – 1910/1950.	62
Monografias de conclusão do curso de serviço social.	66
Sobre a autora	67
Migrantes invisíveis: Judeus de Portugal	
para o Brasil, século XX – Paulo Valadares	69
Judeus autóctones	72
Judeus magrebinos	73
Judeus refugiados	74
Anexo 1.	75
Portugueses identificados pelo autor como judeus que entraram no Brasil durante o século XX	75
Bibliografia	80
Manuscritos	80
Outros	80
Impressos	81
Sobre o autor	82
Legado dos artistas refugiados do Holocausto	
no Brasil – Maria Luiza Tucci Carneiro	83
Inventário de um legado	83
Da tragédia humana à cordialidade brasileira	85
Arte e literatura engajadas.	87
O círculo dos artistas refugiados	89
Lacuna historiográfica	91
O olhar dos artistas refugiados do nazismo	91
Considerações preliminares.	96
Sobre a autora	97
A expressão da literatura ídiche	
na imigração judaica para o Brasil – Sylvio Band	99
Itens da palestra	100
Gêneros literários básicos apresentados na palestra	100
Ficção	101
Poesia	105
Créditos.	111
Sobre o autor	112

Introdução

É com grata satisfação que apresentamos ao grande público as diversas palestras que foram proferidas durante o Ciclo de Seminário sobre a Imigração, promovido pelo Memorial da Imigração Judaica no ano de 2017.

Nesta época turbulenta pela qual o mundo passa – principalmente a Europa, quando centenas de milhares de pessoas, entre homens, mulheres e crianças, estão forçados a deixar os seus países de origem devido às guerras e violências –, este livro adquire um maior significado, quando o assunto Imigração volta a ser estudado e analisado. Milhares de refugiados desolados e abandonados fizeram ou transformaram estas palavras em um tópico atual.

Os palestrantes fizeram uso da palavra, além de *slide show* e apresentação em PowerPoint, para explicar e responder as perguntas do grande público, que muito se interessou pelos temas apresentados. Uma vez que essas palestras foram transcritas para a publicação desta obra, o leitor entenderá que a linguagem oral é diferente da escrita.

Desejando a todos uma boa leitura,

Os editores

A presença de judeus no reinado de D. Pedro II

Prof. Reuven Faingold

O número de judeus no Brasil em 1872 era pequeno, umas 2.300 almas. No entanto, a participação destes no dia-a-dia da corte foi notável. Assim, não seria exagero afirmar que em torno de D. Pedro II atuava um “*lobby judaico*”, um círculo fechado que contribuíra consideravelmente para o progresso do país.

Genealogia e infância

Em 1995, a revista *Veja* noticiava a existência de manuscritos da Torá no Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão. Fariam esses manuscritos parte dos numerosos objetos trazidos ao país por D. Pedro II? Na época, a “*Casa de Cultura de Israel*” me proporcionou uma jornada de estudos no eixo Rio-Petrópolis; foi quando me deparei, por acaso, com a caderneta de viagem de D. Pedro II à Terra Santa em 1876. De lá para cá, a minha pesquisa aumentou, revelando novos temas vinculados à vida judaica no 2º Império.

Predestinado, nascia em 2 de dezembro de 1825 no Rio de Janeiro, Pedro d’Alcântara. Desde cedo teve uma vida tranquila, comparecendo ao Paço Imperial apenas nas solenidades. A Quinta da Boa Vista tornou-se a sua residência, onde estudava línguas e mergulhava nas culturas clássicas e orientais. Misturava-se nele o bibliógrafo, o astrônomo e o helenista. Sua curiosidade pelas descobertas científicas aproximou-o dos grandes espíritos da época.

D. Pedro II era um Bourbon, mas também um Bragança. Ele pertencia à estirpe dos reis de Portugal. A Ibéria combatia os cristãos-novos. Por que não fluiria sangue judaico neste governante? Uma história narra a mácula judaica dos Bragança. Certa vez, no governo de Pombal, apresentou-se um cortesão perante o rei, propondo-lhe que os descendentes dos cristãos-novos portassem um chapéu amarelo para

diferenciá-los de outros grupos. O rei, entusiasmado com a ideia, foi dissuadido por outro nobre, que se apresentou diante dele com três chapéus amarelos e disse: *“Tomo o primeiro para mim e entrego os outros, um ao Inquisidor-mor e o terceiro a Vossa Majestade, em homenagem a formosa judia de quem precede a Casa de Bragança”*.

Quem seria a tal formosa judia? Tratava-se de Inês Fernandes Esteves, filha do judeu espanhol, o sapateiro Mem ou Pero Esteves, conhecido como *“Barbadão de Veiros”*. Inês teve dois filhos com um bastardo real, que seria rei de Portugal com o nome de D. João I. Um deles, D. Afonso (1377-1461), foi sagrado 1º Duque de Bragança, e de sua semente saíram os futuros reis de Portugal e imperadores do Brasil.

Estudos e mestres de hebraico



D. Pedro II – foto com 5 anos

D. Pedro II era bem disciplinado nos estudos. Seus *“Diários”* registram horários rígidos, mestres dedicados e uma obstinada dedicação à aprendizagem. Notamos que seu dia começava cedo e que o tempo não programado estava reservado para leituras, conversas ou recebimento de visitas. O monarca apreciava os idiomas sânscrito, grego, mandarim, árabe, tupi e hebraico. O poeta luso Ramalho Ortigão (1836-1915), em *“As Farpas”*, rasga ironizados elogios à importância atribuída à língua dos hebreus: *“Apeteceu-lhe o hebraico. Vossa Majestade libou o severo idioma bíblico dos Patriarcas, e sentiu-se refrigerado e satisfeito”*.

Desde jovem, D. Pedro II acalentava o desejo de conhecer a língua da Bíblia. Naquela época, o hebraico não passava de um idioma de liturgia e culto. Não havia sido renovado nem recriado pelo linguista Eliezer Ben Yehuda.

Na introdução às *“Poesias hebraico-provençais do Rito Israelita Comtadin”*, D. Pedro II registra o motivo pelo qual se dedicara a aprender hebraico: *“Quanto ao histórico de meus estudos hebraicos empreendidos com o fito de melhor conhecer a história e literatura dos judeus, principalmente a poesia e os Prophetas, assim como as origens do Christianismo, tais estudos remontam aos anos que antecederam à Guerra do Paraguai, em 1865. Encetei-os durante as minhas permanências em Petrópolis com o Sr. Akerblom, um judeu sueco. Mais tarde, retomei-os com o Sr. Koch, ministro protestante alemão, preceptor do filho da Sra. Condessa de Barral, aia de minhas filhas. Após a morte súbita deste, prossegui-os com o doutor Karl Hen-*

ning... e desde 1886, com o meu sábio colaborador e professor de línguas orientais Christian F. Seybold, com quem continuei o estudo sério do árabe”. Este texto é fundamental por destacar o valor atribuído pelo monarca à literatura judaica e por elencar seus quatro professores de hebraico.

Referências ao primeiro mestre de hebraico, Leonahard Akerbloom (1830-1896), aparecem no Almanaque Laemert de 1862: “Formado na Universidade de Upsala, ensinou durante um período no colégio anglicano Charles Matson, em Petrópolis, substituindo, em dezesseis de fevereiro de 1862, no cargo, o vice-cônsul sueco, o Sr. Hugo Hagestron”. Entre 1814-1905, Suécia e Noruega constituem um reino único. Leonhard Akerbloom foi escolhido para



D. Pedro II em seu gabinete

desempenhar funções de cônsul do reino viking no Brasil entre 1867 e 1871. Após abandonar o país rumo à Europa, o diplomata judeu servirá como cônsul na Polônia. Akerbloom foi casado com Louise Marie Josephine Meyrad (1841-1908), e o casal teve uma filha, Marie Louise, casada com o médico Hans Naegli. Ao começar suas aulas de hebraico, D. Pedro II tinha 42 anos.

Ferdinand Koch foi responsável pelos estudos de Dominique, o filho único de Maria Margarida de Portugal – Condessa de Barral –, governanta das filhas do imperador. Em carta de Pedro II à Condessa de Barral, achamos: “Diga ao Koch que muitas saudades tenho de suas lições”. O mestre alemão dominava as três línguas sacras e lecionava sânscrito. Depois de anos morando no Rio, Koch dominava perfeitamente o português, e tornou-se amigo de D. Pedro II. Morreu em Petrópolis. No dia do enterro, seu aluno de honra o perpetuou com uma inscrição gravada em seu jazigo; tratando-o de “amigo” em latim, grego e hebraico.

Karl F. Henning foi o terceiro professor de hebraico. Nascido em 1843, recebeu um convite para vir ao Brasil no final de 1874. Ancorou no Rio de Janeiro em doze de novembro de 1874, carregando livros e manuscritos, e dois dias após sua chegada recebe a primeira carta de D. Pedro II: “Eu já havia falado a V.S. sobre o Barão Nogueira da Gama, o mordomo da Casa Imperial. O senhor poderá encontrá-lo amanhã entre



Karl Henning - terceiro mestre de hebraico com sua filha Sophia

as 10 e 11 horas da manhã. Apresente a ele as despesas (contas) da viagem junto ao sinal dado pelo Visconde de Nioac, e veja se a quantia não foi suficiente. O Senhor Barão Nogueira da Gama mora na Rua Duc de Saxe, muito próximo do parque de minha casa. Ele (Nogueira da Gama) me acompanhou até a Europa como Ministro da Corte (chambellan), e sei que se agradarão reciprocamente. Espero que o senhor tenha passado bem sua primeira noite no Brasil, e, se não houver impedimento algum, enviarei um carro na 2ª feira (lundi), às 17 horas, até o Hotel Carson, para depois alugar uma casa nas minhas imediações como desejamos. Pois há pouco mais de um mês não conversei, e desta forma poderá conhecer o quanto sei de hebraico pelas traduções do Gênesis. Traga sua Bíblia hebraica e também algo em sânscrito para leitura. Desculpe a minha pressa em querer demonstrar o desejo de estudar". Seu devoto aluno: D. Pedro II. Rio

de Janeiro, 9 de novembro de 1874.

Eu recebi a presente carta do Sr. Irmgard Helfrich, o bisneto de Karl Henning.



Christian Seybold – quarto mestre de hebraico

Ele retrata a hospitalidade oferecida pela corte aos prestadores de serviços que aqui chegavam, e registra a vontade do soberano de aprender línguas exóticas. A carta foi escrita no segundo dia da chegada do ilustre convidado, revelando uma preocupação com o sustento do seu novo mestre, a necessidade imediata de que este se sintasse “em casa” e, finalmente, a sede do imperador em retomar suas aulas de hebraico, interrompidas pela súbita morte de Koch.

Henning ministrou aulas de hebraico e sânscrito ao monarca, sendo agraciado com pensão anual de 6.000 francos. Em 1876, um prêmio maior esperava Henning: participar da comitiva imperial que empreenderia a segunda viagem internacional pela América do Norte, Europa e Oriente Médio. Aos 43 anos, Henning adoeceu, voltou à Alemanha, falecendo em 1887.

Christian Fredrich Seybold (1859-1921) foi o quarto mestre de hebraico. Filólogo e linguista alemão formado na Universidade de Tubinga, pesquisou línguas semíticas. Chegou ao Brasil em 1887, atuando como correspondente da *Real Academia de la Historia* de Madri, do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e da *Sociedade Arqueológica da França*. Seybold manteve uma produção científica invejável.



O acervo do Museu Imperial de Petrópolis conserva 19 folhas dos “*Glossarium Hebraicum Liber Genesis I-II & Psalmorum*”, os exercícios nos cadernos de hebraico do monarca. Neles notamos que as explicações de Pedro II não aparecem em português, e sim em inglês ou grego. As notas nas margens das páginas, com caligrafia miúda, foram feitas em latim.

Os anos que antecedem à Guerra do Paraguai (1865-1870) permitem que D. Pedro II conheça o Padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (1834-1900), autor de um poema laudatório da vitória do Brasil na Guerra do Paraguai. Totalmente em hebraico (1870), o poema se intitula: “*Lashilton shel Brasil - Petrus Beit: Shirá Leiom Hazikaron kol Umah bigvoul Hamilchamá al Paraguai*” [Ao governo do Brasil – Pedro II: Poema para o Dia da Recordação de toda a Nação na Guerra do Paraguai].

Poema do padre Saraiva louvando D. Pedro II (1870)

Fornecedores e servidores

Segundo o recenseamento de 1872, poucos judeus moravam no Brasil. Para uma população de 10 milhões de habitantes, 26.766 não eram católicos, e destes somente 2.309 eram de origem judaica.

Os fornecedores credenciados e pagos mantinham contatos com o exterior. A “*Wallerstein Masset & Company*” era a provedora oficial da Casa Imperial. Seu dono, o judeu Bernard Wallerstein, era denominado “o rei da moda”. Ele encomendava de Paris cristais, porcelanas, louças, espelhos, quadros, relógios, móveis, tapetes, lustres e esculturas.

O professor Berliner, um judeu alemão especialista em caligrafia, era o responsável pelos livros entregues ao monarca. As obras chegavam em grandes quantidades: em 1877, o judeu italiano A. Curiel, redator do “*Correio Israelítico*”, enviou

um fascículo desta revista. O rabino Isidor Halisch enviou dos EUA um livro em hebraico. Friedrich Israel enviou a obra *“Conselho de Estado na Prússia”*, e os textos de Paul Herzberg (1878), Julius Gasparly (1883) e Joseph Hollmann (1889) também foram lidos pelo monarca. Em outro documento, Pedro II agradece a Salomon Hurwitz pela oferta de um manuscrito vindo de Jerusalém. Desde Paris, um livreiro dos Rotschids era o fornecedor de Sua Majestade.

O Dr. Samuel Eduard da Costa Mesquita (1837-1894) foi o dentista de D. Pedro II. Casado com Mary Roberta Amzalak (filha mais moça de Isaac e Grazia Amzalak), era uma das três graças eternizadas em *“Hebréia”*, poema de Castro Alves. O dentista judeu morava em S. Paulo, e viajava até Campinas, onde oficiava as rezas nas festividades judaicas.

A firma *“Gabriel & Segrè”* recebeu o título de *“Alfaiate de Sua Majestade”*, com permissão para colocar o brasão das armas imperiais no frontispício do estabelecimento. Entre os vários membros desta família judeu-italiana, encontramos ainda escritores, professores e militares.

A participação de famílias inteiras na agricultura e na colonização do Brasil foi significativa, principalmente por imigrantes chegados dos EUA. Dentre as famílias de americanos, devemos destacar os Nathan. Em 1870, Charles Nathan expunha a Pedro II a precária situação em que se encontrava a *“Fazenda Funil”*, futura cidade de Americana. Em consequência das enchentes e da seca, o judeu viu-se obrigado a sustentar 500 imigrantes sulinos, para que não morram de fome. Nathan manteve os operários rurais, mas logo solicitou ajuda do governo, pois carecia de meios suficientes para tão nobre fim.

Lazer e cultura

O casal Kahn, ambos judeus alsacianos, era responsável direto pelos saraus do palácio. Sarah Kahn programava diversas atividades culturais, palestras, conversas e encontros abordando temas de viagens, língua hebraica e Bíblia.

No teatro, as performances da atriz Sarah Bernhardt (1844-1923) – a famosa *“Diva Sarah”* – eram incomparáveis. Filha de uma judia holandesa, Sarah começou a aparecer em papéis no Teatro Odeon, e, mais tarde, representou dramas clássicos e românticos na *Comédie Française*. A primeira turnê pelo país (1866) gerou agitação. Os ingressos para suas apresentações eram caros, mas as pessoas acotovelavam-se nas bilheterias para adquiri-los. D. Pedro II convidou-a para visitar seu camarote, presentando-a com uma pulseira de ouro. Em 1915, a atriz teve uma perna amputada, mas



A atriz Sarah Bernhardt

continuou a representar sentada até o fim de sua vida.

O maestro Louis Morreau Gottschalk (1829-1869) chegou ao Rio de Janeiro regendo grandes concertos; alguns inclusive na presença do imperador. Sua primeira apresentação tocando a *“Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional”* aconteceu em vinte de novembro de 1869. A segunda, programada para vinte e seis de novembro de 1869, não chegou a concretizar-se, pois o compositor judeu americano adoeceu, morrendo dias depois, de febre amarela.

Alexandre Levy (1864-1892) era filho de Henrique Luiz Levy, fundador da *“Casa Levy”*, importante ponto de encontro dos artistas da época. Compositor romântico, foi ele quem incorporou à música temas típicos do país, um verdadeiro

precursor do movimento nacionalista musical brasileiro. Entre suas composições: *“Variações sobre um tema brasileiro (Vem cá, Bitu)”*, *“Comala”*, *“Suíte brasileira para Orquestra”*, *“Fantasias sobre motivos do Guarani”*, *“Hino ao Quatorze de Julho”*, *“Schumannianas”* para piano, *“Sinfonia em mi”*, e seu famoso *“Tango Brasileiro”*.

Vários músicos judeus se destacaram no Império: o casal Joseph e Ada Heine (rabequista e pianista), Cecília Silberberg (pianista), as irmãs Mathilde e Virgínia Sinai, de Belém do Pará (pianista e violinista), Harold H. Hime, Paula Buchheim, Ida e Helena Goldsmidt, Robert Kinsman Benjamin, entre outros.



O compositor Alexandre Levy

Financistas e empreendedores

Um dos primeiros financistas foi Denis Samuel (1782-1860), negociador muito respeitado pelas autoridades da Corte. Foi ele quem permitiu aos ingleses desenvolver o Protestantismo no Rio de Janeiro. O reconhecimento da Inglaterra para Samuel foi profundo, especialmente pela liberalidade manifestada por um judeu.

A “*Rotschild & Sons*” estava espalhada pelos quatro cantos da Europa. Os acionistas britânicos atuavam no Brasil e tinham um portfólio que incluía os maiores financiamentos da época. Num mundo difícil para os negócios, o caso do cliente brasileiro era simples, pois o governo nunca discordava de seu banqueiro, até porque o próprio barão Lionel Rotschild se encarregava de aplicar o dinheiro do embaixador Carvalho Moreira. Esperto, o embaixador desejava ser um agente dos Rotschilds. Acertou-se com Lionel, tornou-se obediente e logo comprou uma casa em Londres, onde dava festas. As fortes relações entre Rotschild e Carvalho Moreira ajudaram a aumentar os ganhos com operações especulativas, porém seguras. Os empréstimos para a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II foram feitos pelos Rotschilds. Em 1859, na lista de acionistas da “*S. Paulo Railway*” aparecem vários judeus londrinos.

A firma “*Samuel & Phillips & Company*” atuava no Brasil desde 1824. O judeu Samuel Phillips era cunhado dos Rotschilds. A empresa doava altas quantias para filantropia: 50\$000 para o encanamento das águas do rio Maracanã (1830), 200\$000 para os indigentes das Vilas de Diamantina e do Príncipe, em Minas Gerais (1834), e 100\$000 para obras da Praça do Comércio (1834), no Rio de Janeiro.

No Museu Imperial há faturas da “*Casa Samuel & Phillips*” atestando fornecimento de material para a confecção da carruagem de gala do imperador. Samuel Phillips, pelas suas boas relações comerciais e lealdade ao monarca, procurava obter taxas de juros mais baixas para o Brasil.

José Buschenthal foi um financista judeu que efetuou transações com o Tesouro, recebeu o monopólio da venda do sal, obtendo imensos proventos. Em 1830, Buschenthal interessou-se pelo Brasil, negociando empréstimos e participando no fornecimento de armas e uniformes para o exército brasileiro. Além de obter honras como banqueiro e diplomata, foi um diligente casamenteiro que negociava matrimônios de aristocratas. José Bonifácio não simpatizava com Buschenthal, desabafando com Sua Majestade: “*Não vai entregar nas mãos de um traste [judeu] os meus interesses pecuniários*”.

Judaísmo no exílio

O exílio de D. Pedro II foi um fato lamentável. Durante anos, foi contado como algo que não passava de uma *“festa de despedida”*. Longe disso, a saída da família imperial deixava um clima de culpa e vergonha. Desde Paris, batia a saudade pelo Brasil. No final dos dias, Pedro II conheceu o rabino de Avinhão, Benjamin Mossé; que lhe ofertou uma tradução dos Salmos.



D. Pedro II – Últimas fotografias antes de partir ao exílio

O rabino francês sugeriu ao monarca a tradução de poemas litúrgicos da Provença. O convite estava feito para escrever *“Poésies hebraïco-provençales du Rituel Israélite Comtadin”*. Para o centenário da incorporação do Comtat Venaissin à França, D. Pedro II traduziu as canções que Benjamin Mossé lhe fornecera. Eram os *“Piutim”* do ritual Comtadin, segundo duas velhas publicações: o *“Sêder Ha-Kontress”* (1765) e o *“Sêder Há-Tamid”*.

O rabino Mossé escreveu uma biografia sobre o monarca brasileiro. Em carta de Benjamin Mossé a Pedro II (9/8/1890), o rabino diz: *“Uma das mais belas retribuições de minha vida será apresentar, como historiador francês, o maior dos modernos imperadores: D. Pedro II. Desejo que Vossa Majestade seja o primeiro a ler este livrinho que escrevi; quase todo, visando muito ao efeito que deve produzir, não só no estrangeiro, mas principalmente no Brasil”*.

Palavras finais

D. Pedro II demonstrou fascínio pelo povo judeu, pelo hebraico e pelos judeus. Seu amor incondicional pela cultura judaica está balizado na sua paixão pela Bíblia e, conseqüentemente, em seu desejo por conhecer profundamente a história do povo judeu.

Sua viagem de peregrinação à Terra Santa, em 1876, foi um sonho acalentado durante anos, um acontecimento mágico que se concretizou quando o monarca completou meio século de vida.

Cabe a todos nós, brasileiros e cidadãos do mundo, julgar de maneira imparcial, despidos de todo preconceito, um dos maiores vultos da cultura ocidental, um ícone nacional desta pátria amada chamada Brasil.

Bibliografia

COSTA, Isaltino, D. *Pedro II Hebraísta*, O Estado de S. Paulo (10/12/1925).

FAINGOLD, R., D. *Pedro II na Terra Santa*. Editora e Livraria Sêfer. S. Paulo 1999, 183 páginas.

FAINGOLD, R., *Luzes do Império: Pedro II e o mundo Judaico*. Exposição iconográfica apresentada pelo SESC e CASA DE CULTURA DE ISRAEL em S. Paulo, Petrópolis e Rio de Janeiro em 2000. Catálogo de 44 páginas e ilustrações.

FAINGOLD, R., D. *Pedro II: Fascínio pelo Judaísmo*. KOL NEWS Nº 28 (dezembro, 1999), p. 49-56.

HARAMATI, Sh., *Keissar Brasil medaver ivrit [O Imperador do Brasil fala hebraico]*. ET-MOL 15, fasc. 2, kislêv 1990, p. 17-18.

LIPINER, E., *Faleceu um dos grandes justos entre as nações: o primeiro entre dez mil*. D.O LEITURA Nº 110 (S. Paulo, 10/07/1991), p. 12-13.

Sobre o autor

Prof. Reuven Faingold é historiador e educador, Doutor em História e História Judaica pela Universidade Hebraica de Jerusalém. É sócio-fundador da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil e, desde 1984, membro do Congresso Mundial de Ciências Judaicas, em Jerusalém. Atualmente, é o diretor dos projetos educativos do “Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto”, em S. Paulo.

A superação e a integração dos sobreviventes do Holocausto no Brasil

Marcio Pitliuk

Fotos e slides da palestra



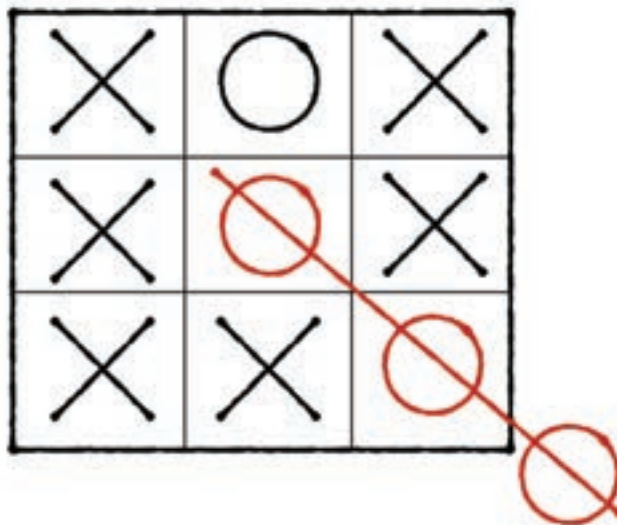






PENSAR ALÉM

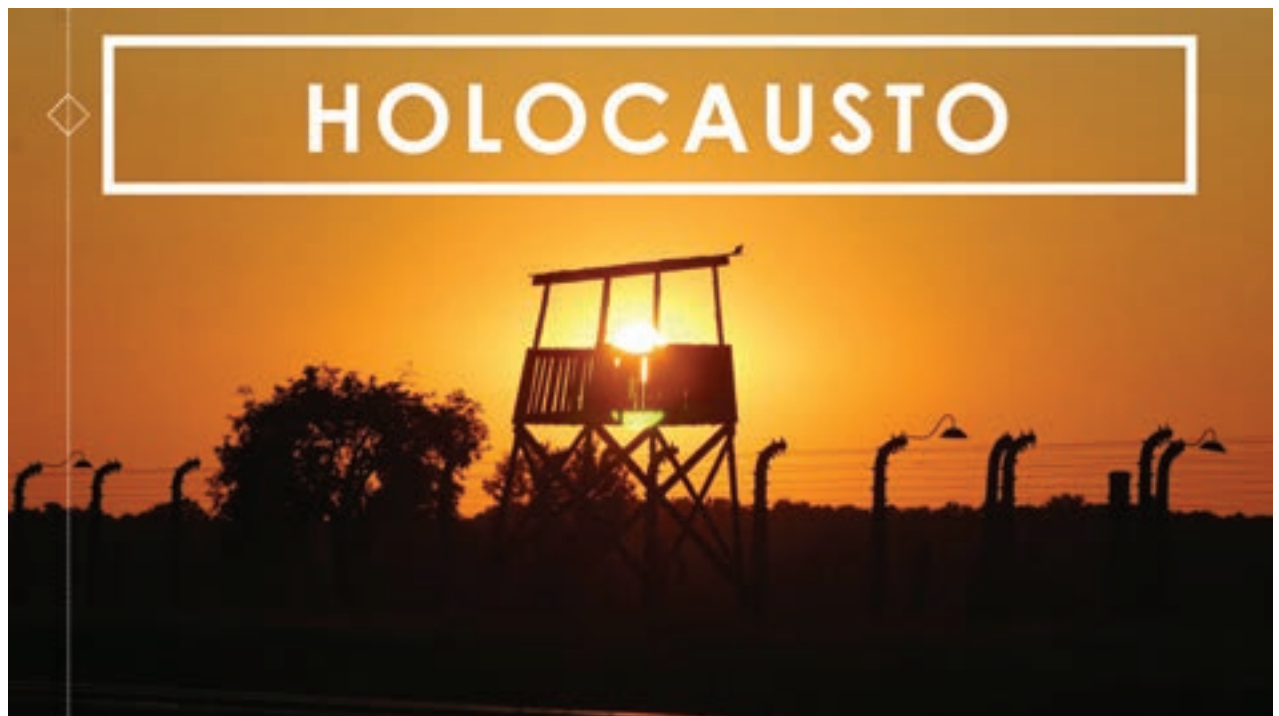
**THINK
BEYOND**



PENSAR ALÉM

**THINK
BEYOND**

**GOIÂNIA BELÉM
PORTO ALEGRE
RECIFE CURITIBA
MANAUS
BELO HORIZONTE
FORTALEZA**





Bundesarchiv, Bf 101/124-0700-20
Foto: Zinnen, Adolf J. 1941, Germany





**SAMUEL
KLEIN**

PENSAR ALÉM

SAMUEL KLEIN

**SEMPRE ENXERGAVA
360 GRAUS**

**CORAGEM &
VISÃO**

Samuel Klein



**JULIO
GARTNER**





FOCO





OPORTUNIDADE



**FOCO E
OPORTUNIDADE**

PENSAR ALÉM

**JULIO
GARTNER**

**NÃO PERCA SEU TEMPO
NÃO PERCA O BONDE**



MICHEL DYMETMAN



SABEDORIA

PENSAR ALÉM

**MICHEL
DYMETMAN**

**ENXERGUE O QUE
NINGUÉM ENXERGA**





**THINK
BEYOND**

**PENSAR
ALÉM**



Sobre o autor

Marcio Pitliuk, profissional criativo e determinado, seguiu o exemplo dos “Sobreviventes do Holocausto” para lutar sempre na construção de sua carreira de sucesso. Sua trajetória profissional, primeiro na Publicidade e depois na área Cultural, ilustra sua busca constante por pensar além do óbvio e criar propostas verdadeiramente inovadoras como o método *Think Beyond*.

Pitliuk é publicitário, escritor, diretor de cinema e palestrante. Já realizou dois longas-metragens, três curtas, 13 livros e dezenas de palestras.

É um profundo conhecedor da II Guerra Mundial e um dos maiores especialistas brasileiros do Holocausto. Suas palestras, corporativas ou educacionais, tem esses temas como base para desenvolver o aprendizado. O que a princípio pode parecer chocante, é na verdade inspirador. Também realiza encontros com Sobreviventes do Holocausto, Ciclos de Debates e escreve artigos para veículos de comunicação.

Imigração judaica do Oriente Médio ao Brasil

Rachel Mizrahi

A facilidade de migrar para territórios de mando único levou judeus originários de terras asiáticas a instalarem-se nos domínios ocidentais e orientais do Império Romano, principalmente após a destruição do Segundo Templo de Jerusalém, no ano 70 da era comum. Dispersos, os judeus acomodaram-se em várias regiões dos velhos continentes e, em dois milênios de contatos com outros povos, absorveram valores e padrões de comportamentos: substituíram o aramaico por outros idiomas, aderiram a costumes, hábitos alimentares e outros valores, revelando a diversidade cultural do povo judeu. Ao lado da maioria *asquenazi* da Europa Central e Oriental de idioma *ídiche*, e dos *sefaradis* da Península Ibérica, que se expressam em *ladino* (idioma próximo ao espanhol medieval), situam-se os judeus do Magreb, os iraquianos, os alepinos, os iemenitas, os persas, os falashas da Etiópia, os de Bucara, os de Uzbequistão e outros poucos.

Ainda que os judeus estejam presentes na maioria dos movimentos migratórios mundiais, a *Diáspora Sefaradi* no final do século XV foi marcante, por encerrar o período áureo do judaísmo ibérico medieval. Esta diáspora posicionou os judeus e os cristãos-novos, tornados ao judaísmo em várias regiões do continente europeu, do Norte da África e em áreas do Império Otomano, que se estendia da Ásia à Europa e à África.

Foi importante a participação da burguesia judaica na vida econômica da modernidade portuguesa. Conhecidos como "*Homens de Negócio*" ou "*Homens da Nação*" (judaica), os cristãos-novos, descendentes de judeus, foram partícipes do comércio internacional, negociando vários produtos, entre os quais o açúcar e o tabaco. No Brasil, além de arrematar contratos reais de monopólio, posicionaram-se em cargos administrativos, militares e religiosos, apesar de proibidos pelos *Estatutos de Pure-*

za de Sangue, legislação discriminante que impedia negros, judeus, cristãos-novos, índios, mestiços e ciganos do reino e das colônias ultramarinas de exercer funções públicas (civis, militares e religiosas). Comumente, os ocupantes de cargos apresentavam falsos atestados de Habilitação de Genere às almeçadas funções, comprovando “limpeza de sangue”¹.

A União Ibérica (1580 a 1640) levou Portugal a perder para a Holanda o Nordeste Brasileiro, região produtora da cana-de-açúcar, e Angola, que fornecia mão de obra escrava à produção brasileira colonial. Desde o início, comprometida com a produção e comercialização do açúcar, a Holanda, apoiada, pela *Companhia de Comércio das Índias Ocidentais*, firmou-se no litoral do Nordeste brasileiro depois da fracassada tentativa na Bahia, em 1624. O conde Maurício de Nassau, nomeado em 1636 como governador da terra conquistada, achou oportuna a entrada de judeus de Amsterdã – de origem portuguesa – em Pernambuco. Facilmente adaptados pela origem e idioma, os *sefaradis* estabeleceram-se em Recife, Maurícia e em terras de Paraíba e Penedo. Ao solicitar apoio religioso de Amsterdã, os rabinos Isaac Aboab da Fonseca e Mosseh Rephael d’Aguilar serviram as *Zur Israel* e *Maguen Abraham*, sinagogas construídas na terra conquistada. Esses rabinos, preocupados com a observância das tradicionais festividades, consultaram, via Amsterdã, eminentes religiosos da comunidade grega de Salônica para definir horários das cerimônias em hemisfério diferente².

A primeira experiência do judaísmo nas Américas encerrou-se em 1654, quando os holandeses foram expulsos do Brasil. Embora a maioria dos judeus tenha retornado a Amsterdã, um pequeno grupo juntou-se aos holandeses instalados nas Antilhas, dando prosseguimento à exploração da cana-de-açúcar na região, permitindo o funcionamento de empresas de refino e branqueamento do produto em Amsterdã, que, ultrapassando a produção luso-brasileira, obteve o monopólio internacional³.

Núcleos judaicos foram criados nas ilhas de Suriname, Barbados e Curaçao, onde foi erguida uma sinagoga⁴. Neste período, pouco mais de duas dezenas de *sefaradis*, ao buscar “Nova Amsterdã”, então colônia holandesa da América do Norte, conseguiram ali se firmar, lançando os alicerces de Nova York, hoje a maior cidade da diáspora do povo judeu⁵.

1 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito Racial no Brasil Colonial: Os Cristãos-Novos e o Mito da Pureza de Sangue, séculos XVI ao XIX*. 3ª. Ed. S. Paulo: Perspectiva, 2004; SICROFF, A. *Les Controverses des Status de “Pureté de Sang” en Espagne du XV au XVI Siècles*. Paris: 1969.

2 WEITMAN, Y. David. *Bandeirantes Espirituais do Brasil*. S. Paulo: Maayanot; Imprensa Oficial, 2003.

3 FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. S. Paulo: Editora Companhia Nacional, 1980.

4 Our “Shoa” Congregation Mikvé Israel – Emanuel, Curaçao, Nedherlands Antilles, 1982.

5 LEVY, Daniela T. *Judeus e Marranos no Brasil Holandês: Pioneiros na Colonização de Nova York – Século XVII*.

Imigrantes judeus no Brasil

A chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, e a Abertura dos Portos às Nações Amigas foram eventos que, além de incrementar a economia nacional, permitiram a necessária liberdade religiosa, institucionalizada pelo apoio da Inglaterra às forças portuguesas⁶. Neste período, cidadãos britânicos de origem judaica escolheram viver no Rio de Janeiro e Salvador, negociando produtos importados ou empregando-se em firmas europeias instaladas no país⁷.

O incremento comercial na região equatorial da América Atlântica na primeira metade do século XIX, somado à liberdade religiosa, permitiram a participação de judeus marroquinos nos dinâmicos negócios na região Norte brasileira. O fluxo judaico marroquino deu início às comunidades na região amazônica, marcantes na história da imigração judaica ao Brasil pela proliferação de numerosos seringais dos judeus marroquinos. Em 1842, esses imigrantes fundaram a *Sociedade Cemitério*, a *Escola Maguen David*, e as sinagogas *Shaar Hashamaim* (Porta do Céu) e *Essel Abraham* em Belém e Manaus que asseguraram vida, posicionamento e identidade às famílias sefaradis dessas cidades e aos pequenos núcleos urbanos no interior de Cametá, Óbidos, Melgaço e Gurupá, totalizando 350 famílias, em 1930⁸. Procedentes de Tetuan e Ceuta – cidades do Marrocos Espanhol –, esses imigrantes – que recentemente completaram 200 anos de presença no Brasil – expressavam-se em *hakitia*, misto de palavras árabes, hebraicas e espanholas⁹. O fluxo marroquino deu continuidade em direção ao sudeste, formando comunidades especialmente nas cidades do Rio de Janeiro e S. Paulo.

O conflito franco-prussiano de 1870 trouxe ao Brasil dezenas de judeus de origem alsaciana. Economicamente bem situado, o grupo posicionou-se nas prósperas cidades de Campinas, Rio de Janeiro e S. Paulo, negociando joias e artigos finos. Apresentavam-se com características diferenciadas: emancipados e partícipes

Dissertação de Mestrado em História Social pela FFLCH, Universidade de S. Paulo, sob a orientação de Anita W. Novinsky, 2008.

6 Portugal, sob os ingleses, assistiu em 1820 o encerramento das atividades do Tribunal da Inquisição, instituído em 1536.

7 Entre as famílias judias instaladas no período na Bahia estão os Amzalak, procedentes da colônia inglesa de Gibraltar, e os Cohn, cujos descendentes ocuparam posições da Guarda Nacional, no Rio de Janeiro.

8 BENTES, Abraham Ramiro. *Primeira Comunidade Israelita Brasileira: Tradições, Genealogia, Pré-História*. Rio de Janeiro: Block, 1989; LIBERMAN, Maria: *Judeus na Amazônia Brasileira séc. XIX e XX*. Tese de Doutorado em História Social da FFLCH/USP, 1989.

9 A *Marius & Levy*, empresa de judeus, forneceu materiais de construção e obras de arte ao Teatro de Manaus, em construção no período de 1892 a 1898.

do movimento iluminista do século XVIII. O século seguinte caracterizou-se pela transferência massiva de judeus procedentes da Europa, em particular nos países onde se questionavam seus direitos políticos, sociais e religiosos.

Idealizada como terra livre e de oportunidades, os Estados Unidos da América passou a receber o maior fluxo de imigrantes judeus. Ao questionar o significado das etnias para a composição da população geral, o governo americano, nas primeiras décadas do século XX, passou a considerar as “cotas por etnia”. A decisão, considerada discriminatória, redirecionou o fluxo judaico imigratório para outros países da América: a Argentina e o Brasil passaram a liderar, na América do Sul, a entrada de imigrantes judeus dos velhos continentes.

O Brasil, na iminente extinção do trabalho escravo, mostrava-se interessado no imigrante como mão de obra para o promissor setor agrário cafeeiro. A extinção da escravidão, em 1888, levou cafeicultores nacionais, frente à demanda internacional do produto, a subvencionarem a imigração, permitindo a entrada de 2.600.000 europeus no país, divididos entre italianos, espanhóis, portugueses e alemães¹⁰.

A acelerada urbanização brasileira e as possibilidades de trabalho nas primeiras décadas do século XX transformaram Rio de Janeiro, S. Paulo e Porto Alegre em cidades-polos da imigração. Embarcações comerciais aportadas no Brasil trouxeram imigrantes judeus de diversas origens, acomodados em pavimentos de segunda e terceira classes. A grande maioria pertencia a grupos sociais originários de comunidades religiosas da Rússia, do Leste Europeu e do Oriente Médio.

Em 1904, a ICA (*Jewish Colonization Association*) instalou escritório no Rio de Janeiro então, capital do Brasil, buscando facilitar a entrada e a acomodação dos imigrantes judeus dos países eslavos, da Polônia, da Romênia e da Rússia, onde a discriminação e as pequenas possibilidades de crescimento pessoal motivaram de forma comum a emigração¹¹.

A longa permanência no serviço militar, obrigatório a judeus e outras minorias do decadente Império Otomano, e a eclosão do nacionalismo dos *Jovens Turcos*. em 1909, tornaram-se fortes motivos para a emigração. Em embarcações comerciais, os primeiros imigrantes do Oriente Médio enfrentaram adversidades, principalmente as relacionadas à alimentação, considerando a oferecida nos navios imprópria, impura ao consu-

10 - KLEIN, Herbert S., “Migração Internacional na História das Américas”. In: Boris Fausto (Org.). *Fazer a América*. S. Paulo: EDUSP, 1999. Pág. 21.

11 Antes, algumas famílias – entre as quais os Levy, Lafer, Klabin, Segall, Teperman e Mindlin – instalaram-se no Rio de Janeiro, em S. Paulo, Campinas e cidades do interior.

mo. Tornou-se comum o reabastecimento de alimentos *kasher* nos portos intermediários de percurso do Mar Mediterrâneo, onde existiam comunidades judaicas.

Comunidades judaicas em S. Paulo

O incremento econômico decorrente da lavoura cafeeira possibilitou ao Estado de S. Paulo ultrapassar o Rio de Janeiro no emprego do trabalhador imigrante. Não foi por acaso que S. Paulo era a “metrópole dos imigrantes”, onde 2/3 da sua população total era procedente dos velhos continentes, predominando o italiano. Comunidades – *asquenazis* e *sefaradis* – foram organizadas em Santos, Campinas, Rio Claro, Franca e S. Carlos, onde foram erguidas sinagogas, pilares da identidade judaica.

Viver no Bom Retiro, Brás, Mooca, Belém, Liberdade e Bela Vista, bairros periféricos e étnicos de S. Paulo, foi escolha natural da maioria dos imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, sírios, libaneses e judeus. A maioria dava preferência para ficar perto da Estação da Luz ou nas cercanias da Hospedaria dos Imigrantes. A contínua entrada de novos imigrantes judeus favoreceu a procura por locais adjacentes aos bairros étnicos, entre os quais, Ipiranga, Brás, Mooca, Lapa e Santana. Posicionados também em zonas suburbanas e rurais, os imigrantes judeus conseguiram alterar a tradicional dependência do colono para os proprietários dos armazéns, visto que conseguiam ganhar mais com as “vendas à prestação”. Carregando malas, levando cortes de tecidos, armarinhos, guarda-chuvas e outros produtos nos braços e ombros, a maioria, sem capital inicial, acabou por se dedicar ao comércio prestamista. Alguns conseguiram, em pouco tempo, instalar-se no comércio lojista.

Os *asquenazis*, grupo majoritário, instalaram-se, preferencialmente, no Bom Retiro. A Rua dos Imigrantes, hoje José Paulino, constituía a via central por onde se diluíam as famílias recém-chegadas, aproveitando-se dos espaços abertos e livres para contatos. Nas ruas paralelas e transversais do bairro, sinagogas foram construídas, segundo origens geográficas de seus fundadores. Em 1912, judeus procedentes dos *shtetels* da Bessarábia (Letichev, Kishinev, Krivoi Rog, Khotim, Brichany, Securon, Beltz, Yedenitz, Soroca e outros pequenos núcleos), organizando-se em um velho sobrado, lançaram as bases de uma futura sinagoga: a *Comunidade Israelita de S. Paulo* ou a *Kehilat Israel*, cujos estatutos já previam o estabelecimento de uma escola e uma cooperativa de crédito¹².

12 Discurso proferido por Guilherme Krasilchik, Presidente da sinagoga, por ocasião do Lançamento da Pedra

Os sefaradis em S. Paulo

Estabelecendo-se em regiões nobres das cidades do Rio de Janeiro, S. Paulo e Santos, numerosas famílias *sefaradis* viviam do comércio de importação e exportação do café, cereais, frutas, tecidos finos, tapetes orientais, minérios e negócios imobiliários. Além do idioma materno (ladino), os *sefaradis* expressavam-se em francês, aprendido em colégios confessionais católicos e nas escolas da *Alliance Israélite Universelle* das cidades de origem. Embora a maioria tenha se instalado no Rio de Janeiro, o dinamismo comercial do porto de Santos nas primeiras décadas do século XX levou várias famílias *sefaradis* a trabalhar na cidade, compondo parte da elite que mantinha estreitos contatos com correligionários do Rio de Janeiro e S. Paulo.

A maior parte se destacou nos negócios da torrefação e corretagem de café, dentre as quais cumpre citar os Sion, os Hazan e os Vaena, radicados em S. Paulo. O rodesli Alberto Levy e os irmãos José e Isaac Salem eram sócios no beneficiamento de café e cereais em Santos, além de manterem um escritório no porto do Rio de Janeiro. David Nahum, além da corretagem de café, mantinha duas torrefações em S. Paulo¹³. A expressividade econômica dos *sefaradis* pode ser atestada pelo desenho da Estrela de David que compõe o mosaico no piso do histórico Museu do Café de Santos. Em 1936, a família Sion, com recursos próprios, resolveu construir uma sinagoga, não longe da erguida pelos *asquenazis* na mesma comunidade litorânea.

Em S. Paulo, por sua vez, a família Hasson, financeiramente melhor posicionada, costumava oferecer sua residência para a realização das cerimônias religiosas *sefaradis* em S. Paulo¹⁴. Amadeu Toledano, natural da Ilha de Malta, ao relacionar-se com os ismirlis, percebeu que poderia contribuir para a construção de uma sinagoga em S. Paulo, núcleo de uma comunidade judaica estruturada. Em 1924, associou-se ao grupo composto por Samuel Salém, José Couriel, Victor Sidi, Jacob Sion e Gabriel Cattan, que escolheram Leon Levy para presidir a comunidade. Ao viajar a Paris para tratamento de saúde, Levy prontificou-se a comprar um *Sefer Torá* que serviria à condução dos rituais religiosos da *Comunidade Sepharadi de S. Paulo*, cuja sinagoga foi inaugurada em 1929¹⁵.

Fundamental da Sinagoga da Comunidade Israelita de S. Paulo. Ata da Assembleia da Sinagoga Israelita de S. Paulo. S. Paulo, 28/11/1954. Acervo: Centro de Documentação do Memorial da Sinagoga. CDOC RG: MS/DIS/Discurso n. 0255.

13 Nahoum era proprietário do famoso *Bar Juca Pato* no velho centro de S. Paulo.

14 A família mantinha negócios de tecidos finos na França, Suíça, Alemanha e Congo Belga.

15 Primeiras Atas da *Comunidade Sephardim de S. Paulo*, 1924. Arquivo do Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov. S. Paulo.

Acostumados a serem orientados por eminentes rabinos em suas comunidades de origem, os *sefaradis* valeram-se, no correr do tempo, de *chazanim* de fala árabe estabelecidos na Mooca¹⁶. Em 1935 conseguiram contratar Jacob Mazaltov, originário de Istambul, para rabino da sinagoga. Trabalhando para os *sefaradis* do Uruguai, Mazaltov era amigo do escritor Nissim Elnecavé, rabino da comunidade *sefaradi* argentina, notabilizado pela obra *Los Hijos de Ibero-Franconia: Breviário del Mundo Sefaradi desde las Orígenes hasta Nuestros Días*¹⁷.

Preocupado com a religiosidade, entendimento e participação dos fiéis no templo, Mazaltov resolveu inovar: interrompia as rezas para explicá-las em português. À semelhança do amigo Elnecavé, Jacob Mazaltov elaborou, em português, livros da liturgia e das festas judaicas¹⁸. Estes foram os primeiros livros redigidos em português sobre temas judaicos e usados por grande número de judeus de S. Paulo. Um destes livros, editado em 1937, era “dirigido aos professores e moços do Brasil” e, traduzido ao espanhol, passou a ser utilizado pelas comunidades judaicas latino-americanas.

Um costume que diferenciava os *sefaradis* dos *askenazis* era a cerimônia do nascimento de uma menina. Conhecida como “Siete Candelas”, era oficiada festivamente na sinagoga. Outra cerimônia distinta era a do *Bat Mitzvá*, que comemorava a participação e responsabilidade religiosa de uma menina de 12 anos, ritual comum entre os *sefaradis* do Oriente Médio e Europa. Hoje, esta cerimônia é realizada na maioria das comunidades judaicas brasileiras. O primeiro *Bat Mitzvá* organizado em S. Paulo foi realizado pelo rabino Mazaltov, em 1938.

Em 1952, o rabino austríaco Mendel Wolf Diesendruck, radicado em Lisboa, foi convidado para dirigir a *Escola Israelita Beith Chinuch* de S. Paulo. Diplomado em filosofia pela Academia Rabínica e falando português, Diesendruck despertou o interesse dos diretores da comunidade *sefaradi* que o contrataram para dirigir os serviços religiosos da *Sinagoga da Abolição*, como popularmente passou a ser conhecida. Ao iniciar suas atividades, Diesendruck conseguiu “pôr ordem na casa”, depois das “exageradas liberalidades” do rabino Mazaltov e informalidades dos *chazanim* da Mooca. De postura liberal e universal, Diesendruck era contra os “sectarismos religiosos”. Para ele, ser judeu não significava apenas observar o *kashrut*,

16 Os *chazanim* Isaac Hayon, Assilam Cohen, Habibe Memran e Elias Mizrahi participaram da fundação da *União Israelita Paulista*, sinagoga erguida na Mooca, em 1935.

17 ELNECAVE, Nessim, *Los hijos de Ibero-Franconia. Breviário Del mundo Sefaradi desde las Origenes Hasta Nuestros Días*. Buenos Aires: La Luz, 1981, p. 529.

18 MAZALTOV, Jacob. *O Guia da Juventude Israelita*. S. Paulo: Typografia Frankenthal, 1937; *Ritual de Orações para as Festas do Rosh Hashaná, conforme o Rito Sefaradi*. S. Paulo: Typografia Frankenthal, 1939, 2 vols.

mas revelava-se na “pureza, na retidão dos modos de pensar e agir em família, nos negócios, e no trato com a coisa pública”¹⁹.

Judeus orientais em S. Paulo

Os primeiros imigrantes judeus do Oriente Médio de fala árabe fixaram residência na Mooca, bairro da região leste de S. Paulo, onde grande número de imigrantes italianos, espanhóis e árabes se estabeleceu a partir das últimas décadas do século XIX. Identificaram-se de imediato com os árabes – muçulmanos e cristãos maronitas –, imigrantes mais antigos do Oriente Médio²⁰ que viviam do comércio atacadista na Rua Oriente, no Brás. Muçulmanos, maronitas e judeus, imigrantes do Oriente Médio, passaram a ser conhecidos como “turcos da prestação”, enquanto os *asquenazis* eram designados “judeus da prestação”.

Além do idioma, o forte patriarcalismo, a culinária, o gosto musical e a dança identificavam-se com os imigrantes do Oriente Médio, gerados na milenar convivência árabe²¹. Os costumes, a religiosidade e o regionalismo marcaram a vida cotidiana dos *judeus orientais*²². O “saber religioso” transmitido oralmente de pai para filho, de geração a geração, permitiu que estes imigrantes se distinguissem como “bons de reza”²³, condição que os levaram a dispensar a condução rabínica por mais de cinco décadas. Nassim Elias Nigri, Isaac Sayeg, Menahém Politis, Gabriel Kibrit, Mário Amar, Jacob Hazan, os Halali e os irmãos Mizrahi, entre outros, fundaram na Mooca, em uma mesma rua, duas sinagogas: a primeira, de 1930, que reunia fiéis de Sidon, e a outra, que congregava os imigrantes oriundos de Safed, Jerusalém e Beirute, antigas cidades do Oriente Médio. As necessidades comuns, a fé, as tradições, a beneficência e o idioma permitiram a formação de uma única comunidade na Mooca²⁴. Um dos costumes típicos observados pela maioria era a

19 Formado pela Escola Rabínica de Viena, Diesendruck transferiu-se para Lisboa em 1930 e serviu a pequena comunidade ali existente. Em 1940, nomeado “Keyman” da *Jewish Agency for Palestine*, conseguiu salvar crianças dos campos de concentração nazista, dirigindo-as à Palestina. Diesendruck, Arnold: “Redescobrimo o Rabino Diesendruck”. In: *Resenha Judaica*, maio de 1984, 2ª quinzena.

20 A pesquisa revela que, além dos judeus orientais, os *asquenazis* – como os Kutner, os Neistein, os Berezin, os Averbach, o tipógrafo Frankenthal, Raphael Markman, os Erlich e Haim Aker – transferiram-se da cidade de Safed (província da Galileia, Israel) para S. Paulo.

21 Os primeiros imigrantes do Oriente Médio – cristãos maronitas – emigraram a convite do imperador D. Pedro II. FAINGOLD, Reuven. *D. Pedro II na Terra Santa – Diário de Viagem – 1876*. S. Paulo: Livraria Sefer, 1999.

22 A religiosidade dos judeus orientais é atestada pelos rolos sagrados, *sefarim* e outros objetos religiosos trazidos das sinagogas de origem.

23 Expressão utilizada por Isaac Athias, diretor da *Sinagoga da Abolição*.

24 Os originários de Safed e Jerusalém expressavam-se também em hebraico e, embora tenham emigrado, mos-

exposição do enxoval de uma noiva, o “FarDjass”, quando, na semana anterior ao casamento, senhoras da família e amigas da noiva eram convidadas para apreciar seu enxoval, assim como os presenteados pelo noivo. Doces típicos eram servidos, e a noiva dançava ao som de populares canções árabes.

Ao criarem as primeiras organizações e instituições frequentadas pela maioria dos imigrantes judeus, os *asquenazis* responsabilizaram-se pela manutenção da vida judaica em S. Paulo, que em 1934, atingiria 40.000 correligionários²⁵. No conjunto numérico, segundo Rattner, incluíam-se judeus procedentes do Oriente Médio²⁶. Os Documentos Diplomáticos do Arquivo Histórico do Itamaraty do Rio de Janeiro demonstram a entrada de 50.766 “turcos árabes” entre 1908 e 1922. Embora a relação não revele a origem religiosa dos recém-chegados, sabemos que eram procedentes de comunidades muçulmanas, judaicas e cristãs maronitas do Oriente Médio. Esses imigrantes foram registrados oficialmente como turcos ou turcos árabes.

Ao chegar ao Brasil, os *sefaradis* surpreenderam-se com a semelhança do ladino com o português. Os imigrantes judeus do Oriente Médio, embora identificados aos *asquenazis* pela fé, diferenciavam-se pelos costumes, posicionando-se em locais distintos de S. Paulo e tomando como matrizes suas comunidades de origem.

Refugiados judeus na sinagoga sefaradita

A partir de 1930, centenas de judeus alemães, procurando fugir das perseguições nazistas, instalaram-se em S. Paulo. A linha liberal dos ritos e o comportamento informal dos seus rabinos causaram estranheza. Não falando o *ídiche*, estes imigrantes não se identificavam com os ritos das sinagogas dos judeus da Europa Oriental fundadas em S. Paulo. A *asquenazi* Céline Ort Levy – esposa do judeu alsaciano Sylvain Levy, frequentador da comunidade *sefaradi* –, falando o alemão, foi convidada a recepcioná-los. O jovem rabino Fritz Pinkuss, um destes refugiados (oriundo da cidade de Heildelberg, Alemanha), satisfeito com a acolhida, adotou a mesma estratégia para officiar as primeiras cerimônias religiosas direcionadas para os judeus liberais alemães em S. Paulo²⁷. Importante lembrar que este grupo, preocupado em prestar ajuda aos doentes, aos desempregados e a aos imigrantes recém-chegados,

travam ideal sionista.

25 RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança: A Comunidade Judaica em S. Paulo*. S. Paulo: Ática, 1977, p. 99.

26 A maioria *sefaradi* buscou na América países de idioma espanhol, critério que explica, em parte, a concentração de grandes comunidades judaicas no México, Argentina, Chile e Uruguai.

27 PINKUSS, Fritz. *Estudar, Ensinar, Ajudar. Seis Décadas de um Rabino em Dois Continentes*. S. Paulo: Livraria Cultura, Ed. 1989, p. 47.

fundaram a CARIA – Comissão de Assistência aos Refugiados Israelitas da Alemanha. Em 1934, um grupo de cerca de 40 jovens – os primeiros recebidos pela CARIA –, fundou a SIP – Sociedade Israelita Paulista. Pinkuss tinha livre acesso às dependências do templo da Abolição, onde passou a officiar cerimônias e casamentos. A amizade nascida entre os rabinos Pinkuss e Mazaltov permitiu que, juntos, discutissem as diretrizes cerimoniais a serem adotadas por ambos, bem como o ensino religioso aos jovens. Os meninos em maioria religiosa eram encaminhados de um para outro, dependendo da origem cultural dos pais. Rodolfo Reichardt é exemplo interessante. Sua família emigrou da Itália, em 1939, por ocasião de seu *Bar Mitzvá* e introdução das Leis Raciais impostas pelo Estado fascista de Mussolini. A formação religiosa dada pela avó Dorina Ghiron Gentile – antiga frequentadora da *Sinagoga de Monferrato*, em ritmo antigo italiano – levou Pinkuss a encaminhar Rodolfo ao rabino Mazaltov, que reconheceu e se encantou com o canto *sefaradi*.

Os judeus alemães permaneceram na *Sinagoga da Abolição* até Pinkuss alugar uma casa na Rua Brigadeiro Galvão, no bairro da Barra Funda, utilizada como sinagoga. Em 1957, um novo edifício foi construído para abrigar a *Congregação Israelita Paulista* – CIP – na Rua Antônio Carlos, nas proximidades da Rua da Consolação.

Após 1945, o Brasil recebeu algumas dezenas de judeus sobreviventes do Holocausto e de refugiados de uma Europa destruída. Fundamental foi o auxílio dado pelas organizações internacionais assistenciais judaicas, dentre as quais cumpre citar a JOINT. Vários judeus marroquinos, igualmente afetados por facções do Nazifascismo presentes na África do Norte, buscaram refúgio com parentes e amigos radicados em Belém, Manaus, S. Paulo e Rio de Janeiro²⁸. O horror nazista – além de atingir *sefaradis* que viviam na França, Holanda, Bélgica e Itália – destruiu as brilhantes comunidades de Salônica (Grécia), considerada “cidade-mãe do judaísmo”, e da Ilha de Rodas, quando, em 1942, *sefaradis* foram encaminhados para campos de extermínio na Polônia²⁹. Alguns sobreviventes deste genocídio instalaram-se entre os *sefaradis* de S. Paulo e Rio de Janeiro³⁰.

28 MIZRAHI, Rachel – Lembranças... Presente do Passado. S. Paulo: Schmucler/Hebraica: S. Paulo, 1996.

29 Histórias de sobreviventes sefaraditas estão no www.arqshoah@com.br, do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância, Racismo e Antissemitismo do Departamento de História da Universidade de S. Paulo.

30 O projeto nazista de extermínio visava todo o povo judeu. Recentes pesquisas revelam tabelas nominais de judeus das colônias francesas e espanholas na África do Norte (Marrocos, Tunísia e Líbia) levados aos campos de extermínio da Polônia. A entrada das tropas aliadas impediu a destruição destas comunidades formadas por judeus de antiga origem e *sefaradis*. In, GIAMI, Jacques: Chronique Des Années de Déportation 1942-1944. Paris, Pro Arte, 2009; DEL FUEGO: Sephardim and the Holocaust. New York: Sepher-Hermon Press, Inc, 5755-1965.

Refugiados judeus do Oriente Médio em S. Paulo

Em 1948, o nacionalismo árabe, incisivo e agressivo na proposta o estabelecimento do Estado de Israel, impediu a manutenção da antiga cordialidade entre judeus e árabes. Proibidos de se instalar em Israel, grande número de judeus dos recém-criados países árabes buscou emigrar, refugiando-se em cidades europeias e americanas. No Brasil, a maioria instalou-se na cidade de S. Paulo. A antiga sinagoga *sefaradi* situada na Bela Vista, nas proximidades do centro da cidade, foi preferencialmente procurada por famílias de judeus libaneses, alepinos, iraquianos e egípcios. Em terras de origem, eram ameaçados e perseguidos sob a acusação de apoiar o “inimigo”³¹.

Assim que chegaram em S. Paulo, os diretores da sinagoga *sefaradi*, então denominada *Shaar Hashamaim*, receberam as primeiras famílias judias, procedentes de Beirute. Nesse período, a comunidade estava sob a condução religiosa de Jacob Mazaltov, rabino istambuli. Falando o árabe, Elias Mizrahi, *chazan* da sinagoga, encarregou-se de introduzir os novos imigrantes na comunidade *sefaradi*. A entrada dos novos fiéis deu ânimo maior às rezas, pois os alepinos destacam-se pela religiosidade e assiduidade diária, sendo atendidos ao solicitar o uso do amplo salão, situado no piso inferior da sinagoga.

A preocupação com a formação religiosa dos filhos e as diferenças na condução das rezas levaram os novos imigrantes, em melhores condições financeiras, a construir, em 1959, a *Congregação e Beneficência Sefardi Paulista*³². A família Safra assegurou, pessoalmente, a construção da sinagoga. A constante preocupação de Rahmo Haim Shayo com os destinos comunitários fez com que permanecesse por 14 anos como presidente da Congregação. Shayo contava com o apoio do *chazan* Kamal Esquenazi. Em abril de 1964, Mendel Diesendruck foi contratado para rabino da Congregação e responsável pela educação religiosa das crianças da Escola *Talmud Torá*. O crescimento numérico das famílias sírias e libanesas em Higienópolis, bairro da região oeste de S. Paulo, constituiu motivo para a Congregação projetar a construção de um novo templo, em dimensões maiores, na Rua Veiga Filho. Hoje, a *Congregação e Beneficência Sefardi Paulista*, com dois templos, conta com o apoio dos

31 Além da destruição da Grande Sinagoga de Alepo, na Síria, os judeus assistiram a profanação de peças religiosas de grande importância, como o “Códex de Alepo”, antigo pergaminho hebraico, estudado por sábios e motivo de orgulho da comunidade judaica síria.

32 Entre os fundadores da sinagoga estavam as famílias Shayo, Safra, Dayan, Safdié, Harari, Horn e Michaan. Primeira ata da sinagoga da Comunidade Sefardi Paulista, Arquivo da Sinagoga.

rabinos Efraim Laniado, Y. David Weitman e Avraham Cohen. A expressividade da *Congregação e Beneficência Sefardi Paulista* pode ser acompanhada pela publicação da revista *Morashá* e pelo trabalho pedagógico da bilíngue Escola Beit Yaacov, importante estabelecimento judaico de S. Paulo, estabelecido em 2001.

A metade dos 75.000 judeus do Egito deixou o país após 1948³³. Cerca de 20.000 transferiram-se para Israel, e os demais, proibidos de emigrar para terras israelenses, buscaram a França, Itália, Inglaterra, América do Norte e Latina. A HIAS (*Hebrew Immigrant Aid Society*) considerou o Brasil terra ideal para abrigar os novos refugiados judeus: além de possuir grandes extensões de terras não ocupadas, o país estava em fase de expansão econômica, não apresentando, como a Argentina, situações sistemáticas de antisemitismo. Gamal Abdel Nasser (1918-1970), presidente do Egito, não impediu que os judeus se refugassem no Brasil. Haim Nahum Efendi, ilustre grão-rabino do Cairo, que em anos anteriores ocupara posição no Senado egípcio, conseguiu esquematizar, por etapas, a saída dos judeus do país.

No período da entrada desses refugiados, entre 1948 e 1958, o Brasil, em plena democracia, apresentou um contratempo: o chefe do Departamento de Imigração do Ministério da Justiça, solicitado a favorecer a entrada dos refugiados judeus do Oriente Médio, de forma surpreendente, exigiu de cada um o visto de entrada e “valor em dólares, por cabeça”. Diante da exigência, o industrial Israel Klabin buscou solução com o governo federal. O Presidente Juscelino Kubitschek, ao ter conhecimento da recomendação oficial, liberou a entrada de judeus egípcios, substituindo o funcionário do citado departamento³⁴. Em 1959, a Pedra Fundamental da futura *Congregação Mekor Haim* foi lançada, e, em fins de 1967, os fiéis comemoraram o Ano Novo Judaico, o *Rosh Hashaná*, inaugurando a sinagoga, na Rua S. Vicente de Paula, em Higienópolis.

O nome *Mekor Haim*, atribuído a essa Congregação, é uma homenagem prestada ao grão-rabino do Egito, Haim Nahum Efendi, responsável pela emissão dos documentos aos refugiados e pela saída, relativamente tranquila, da maior parte dos judeus do Egito. Em 1971, a contratação de Moshe Dayan (que conduzia os serviços religiosos em sinagogas de Paris) para grão-rabino da *Congregação Mekor Haim* levou um grande número de judeus libaneses e alepinos, moradores nas cercanias do bairro, a frequentá-la. Nesse período, os rabinos Moshe Dayan, Eliahu Valt e Mendel Diesendruck constituíram em S. Paulo um Tribunal Rabínico, o *Beit Din*,

33 DECOL René D. Imigrações Urbanas para o Brasil. Tese de doutorado, mimeografada, apresentada ao Departamento de Sociologia, UNICAMP, 1999, p. 76.

34 ALVES, Márcio Moreira. Os judeus do Egito. Rio de Janeiro: Jornal “O Globo” de 3/3/2001.

cujas sentenças passaram a ser reconhecidas pelo grão-rabino de Israel. Em 1982, com o falecimento de Dayan, o rabino Isaac Dichy passou a conduzir a *Mekor Haim*, responsabilizando-se pelo culto e ensino da religião e das tradições judaicas aos associados. Os grandes colaboradores Edmundo Safdié e Albert L. I. Dichy foram dignificados como presidentes honorários.

Expressividade dos judeus do Oriente Médio

Desde 1930, Aurélio Hasson, *sefaradi* imigrante da Ilha de Rodas, conseguiu notabilidade na importação de tecidos de qualidade. Seus contatos em Paris, cidade onde viveu, fizeram com que fosse convidado, nos anos 50, para atuar como conselheiro da Receita Federal³⁵; Alexandre Algranti, pioneiro na exploração de produtos minerais (mica) em Governador Valadares (MG), foi articulista do primeiro jornal israelita em língua portuguesa da primeira década do século XX. Ao lado dos Menashe, os Mussafir, os Chuek e os Cherem, participantes dos clubes exclusivos e elegantes do Rio de Janeiro que investiram em imóveis nos nobres bairros de Copacabana e Ipanema; os Alalu, os Sereno, os Benbassati e os Stamati proporcionaram à elite paulistana o luxo e a beleza dos tapetes orientais. Clara Hakim Kochen e Marina Chulam Chusyd são colecionadores referenciais de documentos e objetos da arte *sefaradi* em S. Paulo. Entre os judeus italianos instalados na sinagoga *sefaradi*, estava Samuel Del Giglio, que, ligado ao ramo imobiliário, foi responsável por loteamentos que deram origem a vários núcleos urbanos do interior paulista. Seu filho, Alfredo Del Giglio, professor universitário, é autor de importantes livros jurídicos.

Entre as empresas fundadas pelos primeiros imigrantes judeus orientais, destacam-se a *Tecnisa*, a *Coni*, a *Construtora Elias Victor Nigri*, a dos *Zitune*, a *Terepins e Kalili*, e outras; na indústria e comércio têxtil destacaram-se a *P. Sayeg*, a *Têxtil de Rendas Acácia*, a *Hasson*, a *Tecelagem Francesa* e atacadistas de tecidos, como a *Padronagem*, de Mayer Moisés Mizrahi, no Bom Retiro e Brás, hoje um *marchand d'art*.

Entre os que buscaram se estabelecer em S. Paulo na época da criação do Estado de Israel, em 1948, está a família Safra. Nos duzentos anos dedicados ao setor bancário – espinha dorsal da família –, Jacob Safra e filhos, em bases sólidas e princípios conservadores, apresentaram um sucesso econômico ímpar, em parceria com multinacionais e empresas de comunicação estabelecidas no Brasil e no exterior. Também, os Safdié, ao se estabelecerem em S. Paulo, em conglomerado financeiro

35 Os Hasson perderam suas lojas e bens, confiscados pelos nazistas que invadiram Paris, em 1940.

composto de um Banco Comercial (Banco Cidade), uma corretora de valores imobiliários e outras atividades bancárias – têm colaborado, desde 1965, com o engrandecimento do parque econômico nacional. Embora somente uma minoria dos imigrantes egípcios conseguisse revalidar seus diplomas, a instalação das indústrias automobilísticas, eletromecânicas e farmacêuticas em S. Paulo, na década de 1950, bem como as instituições financeiras e bancárias brasileiras, lhes facilitaram cargos de diretoria, nos quais o domínio de línguas era fundamental. Partícipes da cultura, colaboram com propostas financeiras a centros culturais, projetos de universidades e instituições científicas. No meio paulistano é comum encontrar, voluntários ligados, direta e indiretamente às empresas do terceiro setor. Os Safra, os Horn e os Safdie participam, entre outros empreendimentos, da construção de hospitais e instituições assistenciais não só no Brasil, mas em outros países do mundo.

Ao lado dos grupos empresariais, intelectuais judeus originários do Oriente Médio projetam-se nos cenários cultural e universitário de S. Paulo. Na Universidade de S. Paulo - USP, citamos, entre outros: Isaac Amar, na Faculdade de Medicina; Boris Fausto, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; e Jacques Marcovitch, professor que ocupou o cargo de reitor da USP entre 1997 e 2001.

Passados cem anos de imigração, podemos afirmar que a maioria dos descendentes dos imigrantes judeus do Oriente Médio – “minoridade de minoridade” no conjunto de cerca de 140.000 judeus brasileiros – encontra-se inserida nas classes médias e altas, razoavelmente segura e integrada aos padrões culturais brasileiros. Buscando recompor o tradicional estilo de vida judaica dos locais de origem, os *sefaradis* e os *judeus* de fala árabe organizaram-se, como os *asquenazis*, de forma particular.

A rápida construção das sinagogas de S. Paulo foi possível pela ajuda financeira das antigas famílias judias residentes na cidade, entre as quais: Klabin, Lafer, Segall, Teperman e Mindlin, que se destacavam nos meios sócioeconômico e cultural brasileiro. Em terrenos de suas propriedades foram erguidas, além das sinagogas, as primeiras instituições e organizações da comunidade judaica de S. Paulo³⁶. Os líderes da comunidade da Mooca conseguiram construir sinagogas próprias em terrenos cedidos pelos Klabin.

Consideramos que a maioria dos imigrantes judeus do Oriente Médio emigrou à revelia, pois além do apego religioso às comunidades de origem ser profundo, viver em terras bíblicas, nos lugares sagrados, constitui um privilégio, ligado à concre-

36 A *Comunidade Israelita Kehilat Israel*, na Rua da Graça, foi construída, em 1912, por judeus procedentes do Leste Europeu (Bessarábia), instalados no bairro do Bom Retiro.

tização do ideal religioso de grande número dos judeus da diáspora. A emigração que se estendeu pelos anos foi provocada por questões de segurança familiar, diante das crescentes manifestações de antissionistas e do nacionalismo árabe.

Os primeiros contatos estabelecidos entre os grupos de imigrantes, culturalmente diferenciados, não foram fáceis. *Asquenazis* e *judeus orientais* falavam línguas distintas, e o uso do *ídiche* e do árabe “eternizava-se” com a entrada de conterrâneos, impedindo relações diretas com os nativos e reforçando padrões culturais de origem. O encontro entre os dois grupos em terras brasileiras foi de estranheza e rejeição mútua, superadas nas gerações seguintes. Além de estranhar os costumes dos judeus do Oriente Médio, grande número de *asquenazis* de S. Paulo não os via como pertencentes ao mesmo credo e povo. As diferenças físicas, a pele amorenada e os costumes os identificavam ao povo árabe, impedindo reconhecimento.

Ao avaliar as características culturais dos primeiros imigrantes judeus do Oriente Médio, consideramos que os *sefaradis*, liberais e cosmopolitas, ao abrir suas sinagogas a todos os imigrantes judeus que chegavam a S. Paulo, permitiram revelar a aspiração bíblica do Profeta Isaías na assertiva “que Minha casa seja a casa de oração de todos os povos”. Colocada na entrada do edifício da *Sinagoga Beth-El*, do Rio de Janeiro, a expressão reflete literalmente a receptividade *sefaradi*. Em 1930, a sinagoga da *Comunidade Israelita Sefardi* de S. Paulo, um ano depois de construída, recebeu judeus alemães de linha liberal, refugiados das perseguições antissemitas do Nacional Socialismo Alemão. O grupo, liderado pelo R. Fritz Pinkuss, não conseguia posicionar-se nas conservadoras sinagogas *asquenazis*. Depois, os esmirlis da sinagoga da Rua da Abolição receberam migrantes marroquinos de Belém e Manaus, bem como, *sefaradis* de Marrocos, Itália, Grécia, Bulgária, Iugoslávia, e refugiados da *Shoá* e da II Guerra Mundial. Após 1948, acolheu os judeus procedentes dos países árabes.

Conduzida por Jacob Mazaltov, a sinagoga *sefaradi* despertava a atenção dos judeus de S. Paulo, pois suas ideias e atitudes – liberais e avançadas - diferenciavam-se no período. Além de officiar as rezas de modo aberto, traduzindo-as, tornando o cerimonial solene. Por se expressar em português e utilizar de coral, o rabino conseguiu frequência maior de judeus de outras origens. Muitos acabaram oficializando na sinagoga *sefaradi* seus casamentos e *Bar Mizvot*. Não se recusando a “abençoar a quem solicitasse”, Mazaltov e Pinkuss estabeleceram os primeiros contatos com clérigos e autoridades da Igreja Católica, interessados em aprender o hebraico e obter conhecimentos da religião e das tradições judaicas.

A diversidade cultural dos imigrantes judeus levou o rabino Isaías Raffalovitch do Rio de Janeiro de larga experiência, vasta cultura universal e judaica, a se

preocupar com a integração dos imigrantes de diversas origens culturais. Chegou a distribuir panfletos em cidades da Europa Oriental, visando atrair mais judeus, exaltando o Brasil como “terra do futuro para emigrantes judeus”³⁷. No Rio de Janeiro, buscou organizar uma comunidade ou *kehilá* modelo, onde em um Grande Templo se reunissem judeus de origens diversas. Este projeto, embora apoiado pelos *sefaradis* de S. Paulo, não foi efetivado³⁸. As ideias de Isaías Raffalovitch, modernas e avançadas, não eram possíveis de se realizar pelos restritos e difíceis contatos entre os imigrantes judeus do período. Moderno, vestindo-se à europeia, o rabino não era considerado pela maioria conservadora alguém que pudesse atender aos interesses comunitários. Os diretores da Abolição, embora aceitassem as ideias de Raffalovitch, argumentaram “não ser possível união, uma vez que as diferenças no ritmo das rezas inviabilizavam a união”, e, embora o projeto fosse “grandioso e digno de apoio”, poderia provocar atritos entre os participantes das comunidades. Finalizaram, dizendo que “somente o tempo traria a fusão completa dos rituais, permitindo a formação de uma verdadeira comunidade judaica brasileira”³⁹. Apesar das tentativas, as reuniões entre os líderes comunitários não se concretizavam, em vista da intransigência da maioria *asquenazi* em usar o *ídiche*, idioma incompreensível aos participantes de outras origens, especialmente, aos marroquinos e os judeus do Oriente Médio⁴⁰.

Um fato marcou a vida religiosa da comunidade judaica da Mooca: embora muitos compreendessem o texto bíblico, poucos foram os que se preocuparam em transmitir o significado das rezas às novas gerações. Assilam Nigri, expoente comunitário da Sinagoga Israelita Brasileira, atual *Congregação Monte Sinai*, informou-nos, emocionado, que, ainda que desconhecesse o significado das orações, sua fé era tanta que *chegara ao paraíso sem nada entender*⁴¹.

O procedimento começou a incomodar as novas gerações de judeus de S. Paulo, particularmente os da comunidade na Mooca. Os líderes sionistas Gabriel Kibrit e Mário Amar, preocupados, insistiram na necessidade de uma organização educativa como tentativa de melhor desempenho dos jovens nas sinagogas. Apesar de alinhados à FISESP, Kibrit e Amar não conseguiram apoio financeiro para contratar

37 LESSER, J. O Brasil e a questão judaica. Imigração – Diplomacia – Preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995. P. 61 e seg.

38 Ata da *Comunidade Sephardi de S. Paulo*, de 1925. Arquivo do Templo Israelita Brasileiro OhelYaacov, S. Paulo.

39 Ata da Sinagoga da Abolição, de 1926, p. 18, verso e seguintes.

40 Isaac Athias, várias vezes convidado a participar das reuniões de entidades *asquenazis*, acabou desistindo, porque nada entendia das conversações em *ídiche*.

41 Moisés Yedid justificou a postura pela “complexidade do sagrado, que inviabilizava explicações”.

educadores, e as famílias não demonstravam interesse em matricular seus filhos em escolas judaicas *asquenazis*⁴².

Hoje, nas principais capitais brasileiras, o problema educativo tem sido equacionado por dirigentes do *Beit Chabad*, “entidade judaica beneficente e apolítica, filiado ao movimento “*Chabad Lubavitch*”, que, dedicando-se às atividades culturais, sociais e de assistência, tem buscado atender as comunidades, abrindo oportunidades para que judeus de todos os níveis descubram e ampliem conhecimentos da *Torá*, “o verdadeiro e imutável guia de vida”⁴³. Rabinos do *Chabad* têm conseguido adesão de várias congregações judaicas de S. Paulo, entre elas, as erguidas pelos judeus do Oriente Médio. A título de exemplo, o brasileiro Isaac Michaan, de origem alepina, formado nas *yeshivot Chabad* no Brasil, Argentina e Estados Unidos, tornou-se exemplo, ao assumir a liderança religiosa da sinagoga da *Congregação Monte Sinai*, construída pelos judeus da Mooca. No trabalho de mais de 20 anos, Michaan foi conquistando o interesse dos descendentes, trazendo-os à sinagoga. Ao ser contratado pela liderança da sinagoga, Michaan buscou equacionar o novo templo nos parâmetros religiosos do *Beit Chabad*. Por falar o *ídiche*, o rabino atraiu *asquenazis*, moradores das proximidades da sinagoga transferida para Higienópolis. Sua origem familiar atraiu os *chalabies* (alepinos) e os libaneses, que se tornaram maioria da sinagoga. As sinagogas fundadas pelos judeus do Oriente Médio, ou sejam, o *Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov*, a *Congregação e Beneficência Sefardi Paulista*, na Rua Bela Cintra, o Grande Templo, na Rua Veiga Filho, e a *Congregação Monte Sinai* simpatizam com os princípios do *Beit Chabad*⁴⁴. Fazem parte do colegiado do Conselho Rabínico de S. Paulo, apoiado pelo grão-rabino de Israel, os rabinos Eliahu Valt, Jacob e Henrique Begun, Efraim Laniado, Isaac Dichi, David Weitman, Avraham Iliovitz, Yitschac David Horowits e outros, de origem *asquenazi*, integrando, em propósitos religiosos, judeus de várias procedências⁴⁵.

Hoje, parte dos 70.000 judeus de S. Paulo, maioria da população judaica brasileira, vive em processo integrativo dentro dos parâmetros da aberta, democrata e receptiva sociedade brasileira. A expressividade econômica transformou S. Paulo

42 Atas da Federação Israelita do Estado de S. Paulo de 1948 e da *Escola Israelita Brasileira Luiz Fletlich* do acervo da AHJB/SP.

43 O movimento Chabad ganhou expressividade quando, em 1961, o rabino americano Tsvi Chitrik chegou ao Brasil.

44 Cumpre esclarecer que a ortodoxia dos *judeus orientais* é diferente da *asquenazi*. Os judeus do Oriente Médio mantêm-se em um judaísmo pragmático e costumes modernos.

45 Revista Nascente. Congregação Mekor Haim. S. Paulo, maio/julho de 1993.

em centro aglutinador de judeus procedentes dos demais estados brasileiros e de países latino-americanos, principalmente da Argentina.

Bibliografia

BENTES, Abraham Ramiro. *Primeira Comunidade Israelita Brasileira: Tradições, Genealogia e Pré História*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1989.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito Racial no Brasil Colônia*; 3ª Ed. S. Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *O Anti-semitismo na Era Vargas. Fantasmas de uma geração (1940 - 1945)*. S. Paulo, Brasiliense, 1987.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Renascença, 75 anos (1922-1997)* S. Paulo: 1977.

DECOL, René Daniel. *Integrações Urbanas para o Brasil. O caso dos judeus*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, dezembro de 1999.

DEL FUEGO. *Sephardim and the Holocaust*. New York: Sefer-Hermon Press Inc. 1965.

DELLA PERGOLA, Sérgio. *Demographic Trends os Latim American Jewry. Presence in Latin America*. Boston, 1977.

DIESENDRUCK, Arnold. *Redescobrimdo o Rabino Diesendruck*. Resenha Judaica, maio de 1984, Segunda Quinzena.

ELNECAVÉ, Nessim. *Los Hijos de Ibero-Franconia: Breviario Del Mundo Sefaradi desde las Origenes Hasta Nuestros Dias*. Buenos Aires: La Luz, 1981.

FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América. A Imigração em massa para a América Latina*. S. Paulo: Edusp, 1999.

FAINGOLD, Reuven: *D. Pedro II na Terra Santa. Diário de Viagem, 1876*. Sêfer, 1999.

GIAMI, Jacques. *Chronique des Annés de Déportation 1942-1944*. Paris: Pro Arte, 2009.

GRIN, Mônica. *Etnicidade e Cultura Política no Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais n. 28, ano 10, junho de 1995.

ISSACHAR, Ben Ami. *Sefaradi: Aculturação e Assimilação*. In: Novinsky e Kuperman. *Ibérica Judaica: Roteiros da Memória*. S. Paulo: Edusp, 1996.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica. Imigração - Diplomacia e Preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEVY, Daniela T. *Judeus e Marranos no Brasil Holandês – primeiros na colonização de New York – século XVII*. Dissertação de Mestrado. Depto. História/USP, 2008.

LEWIS, Bernard. *Judeus do Islão*. Rio de Janeiro: Xenon, 1990.

MAZALTOV, Jacob. *O Guia da Juventude Israelita*. S. Paulo: Typografia Frankenthal, 1939.

MIZRAHI, Rachel. *Imigrantes Judeus do Oriente Médio. S. Paulo e Rio de Janeiro*. S. Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Miguel Telles da Costa – O Capitão-Mor Judaíante de Paraty. S. Paulo: Ed. Maayanot, 2ª ed., 2015.

Lembranças.....Presente do Passado. S. Paulo: Smukler/Hebraica, 1995.

Do Mascate ao Empreendedor. Uma família da antiga Mooca. S. Paulo, Pigma, 2008.

PEREIRA, Maria Aparecida F. *O Comissário do Café no Porto de Santos (1870 - 1920)*. Dissertação de Mestrado ao Departamento de História, USP, 1990.

PINKUSS, Fritz: *Estudar, Ensinar, Ajudar: Sete décadas de um Rabino em dois continentes*. S. Paulo: Livraria Cultura, 1989.

RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança. A comunidade Judaica de S. Paulo*. S. Paulo: Ática, 1977.

TRUZZI, Oswaldo M.S. *Patrícios: Sírios e Libaneses em S. Paulo*. S. Paulo: Hucitec, 1977.

WEITMAN, David Y. (Rabino). *Bandeirantes Espirituais do Brasil*. S. Paulo: Ed. Maayanot e Imprensa Oficial de S. Paulo, 2003.

Sobre a autora

Rachel Mizrahi é Socióloga, Mestre e Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo. Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER/USP); Responsável do núcleo de História Oral do Arquivo Virtual sobre o Holocausto e Antissemitismo - Arqshoá/USP; Autora dos livros: *Miguel Telles da Costa – O Capitão mor Judaizante de Paraty* . S. Paulo: Maayanot, 2015 (2ª edição); *Imigrantes Judeus do Oriente Médio – S. Paulo e Rio de Janeiro*. S. Paulo: Ateliê Editorial, 2003; *Do Mascate ao Empreendedor - Uma família da antiga Mooca*. S. Paulo: Pigma, 2008; *Imigrantes no Brasil – Judeus Do Descobrimento aos Dias Atuais*. S. Paulo: Cia. Editora Nacional – Lazuli, 2005.

Assistência social judaica em S. Paulo – História e Memória

Therezinha Zaborowski Davidovich

S. Paulo – Início do século XIX

As grandes transformações que ocorreram a partir de 1900 permitem a conclusão de que tal fenômeno deve ser atribuído às riquezas geradas pela monocultura do café, à chegada dos imigrantes, à construção das vias ferroviárias e ao processo de industrialização.

O bairro do Bom Retiro assume influência decisiva no desenho e na estruturação urbanística da cidade de S. Paulo, acrescido de suas peculiaridades.

O grande contingente de imigrantes vindos da Europa em busca de melhores oportunidades de vida e o rumo urbano do bairro do Bom Retiro como palco das transformações, encontram neste espaço da cidade boas possibilidades de sobrevivência.

Os imigrantes judeus traziam pouca bagagem e muita força de vontade e esperança. Eles vinham na busca de uma terra livre onde pudessem trabalhar, educar seus filhos e viver num país sem violência, sem discriminação, onde pudessem professar a sua fé e sua identidade sem preconceitos e perseguições.

A união, a ajuda mútua, a solidariedade sempre marcaram a relação dos imigrantes judeus.

Em 1912, imigrantes fundaram a primeira Sinagoga da cidade de S. Paulo, a *Ke-hilat Israel*, no bairro do Bom Retiro, onde atualmente está sediado o Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto.

A partir deste espaço foram sendo criadas escolas, cemitério, entidades de assistência social, cooperativa de crédito popular e outras, que a demanda comunitária justificava.

Bom Retiro

Um sonho, um desejo que sempre acalentei: registrar a história e a memória do Bom Retiro, das Instituições de Assistência Social na Comunidade Judaica de S. Paulo e a implantação do Serviço Social nestas entidades.

Que paixão, falar do Bom Retiro, onde nasci, na Vila Anibal. O Bom Retiro que continua vivo no coração das gerações que lá viveram.

O Bom Retiro, onde a grande população da comunidade judaica de S. Paulo se concentrava.

A vida em família era intensa, todos se conheciam e se ajudavam.

Tudo se concentrava: a padaria da D. Tsipoire, o *soichet*, o açougue, a farmácia, os médicos, o footing na porta das Sinagogas em Yom Tov, o *Pletzale*, na Rua Ribeiro de Lima com a Rua da Graça, os movimentos juvenis, as associações de conterrâneos. Todos interagiam com as outras comunidades que viviam no bairro, principalmente os italianos e os lituanos.

A história dos imigrantes no Bom Retiro pode ser considerada um valioso patrimônio histórico e importante registro da história da cidade de S. Paulo. Foi no Bom Retiro que se concentrava a maior população da então chamada “colônia israelita” em S. Paulo, circunstância que existiu, aproximadamente entre 1910 e 1960.

O Bom Retiro era mais do que um bairro judaico; era um cantinho judaico de apoio, integração, inclusão, amizade e de aceitação, onde todos se conheciam e se enturmavam, onde esta amizade, para muitos, continua 70 anos depois.

Entidades de Assistência Social – comunidade judaica de S. Paulo

Os membros da então chamada “Colônia Israelita” sempre ajudaram seus irmãos para o que fosse necessário, para a sua mais rápida e profícua adaptação e integração na nova pátria.

As primeiras instituições de assistência social na comunidade judaica de S. Paulo surgiram para atender as necessidades dos imigrantes judeus que saíram da Europa para se estabelecer no Brasil, a partir do início do século XIX.

Essas entidades assumiram responsabilidades de toda natureza para garantir a acolhida decente dos seus irmãos que vinham em busca de oportunidades na nova pátria, onde pudessem professar sua fé e identidade. Elas foram pilares da Colônia Israelita desde a sua criação, bem como exemplo de comunidade bem estruturada.

Após a Segunda Guerra Mundial e a criação do Estado de Israel S. Paulo possuía uma comunidade judaica estabelecida e organizada. A primeira geração dos filhos brasileiros se graduaram em carreiras universitárias, em atividades laborais profícuas e estáveis.

O equipamento comunitário contava com uma gama variada de instituições educacionais, culturais, sociais, esportivas, recreativas e de assistência social, além de sinagogas e cemitérios, e considerável integração na pátria brasileira, retribuindo em todos os campos a acolhida recebida.

A efetiva mediação da Federação Israelita do Estado de S. Paulo foi excepcionalmente valiosa, assim como toda a ação desenvolvida para a acolhida dos imigrantes a partir de 1955 (egípcios, árabes, húngaros e poloneses, entre outros, que sofriam perseguições religiosas nos seu países de origem) bem como após a Segunda Guerra mundial.

A Federação também estendeu suas ações, a partir de 1955/1956, num programa de apoio às entidades de assistência social, concedendo bolsa de estudos para alunos da PUC/SP (a primeira e única na metrópole paulistana), no curso de Serviço Social, tendo, como contrapartida, o compromisso desses alunos, de fazer seus estágios regulamentares nas entidades assistenciais da comunidade, que não contavam com esta categoria de profissionais em seus quadros de funcionários.

E é nesse novo desenho da estruturada comunidade em S. Paulo que eu tive a oportunidade, de em 1957, ser encaminhada como estagiária de Serviço Social para a OFIDAS- Organização Feminina Israelita de Assistência Social, onde posteriormente fui efetivada depois de graduada.

Nessa última condição, também, assumi a responsabilidade de implantar o Serviço Social na Sociedade Beneficente EZRA e supervisionar o trabalho de conclusão de curso da estagiária da Sociedade Beneficente Policlínica “Linath Hatzedek”, como também integrar o conselho técnico da instituição, então denominada CIAM – Centro Israelita de Assistência ao Menor.

Parte da minha trajetória profissional foi realizada, como assistente social, no Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo, onde me aposentei em 1992, assumindo a partir de então a Coordenação da Instituição Beneficente Israelita TEN YAD.

São seis décadas de ativa e intensa atividade profissional, como assistente social, prestada de forma contínua, no campo da Assistência Social em S. Paulo, na comunidade judaica e na comunidade paulistana.

Um pouco desta vivência será apresentada a seguir, em forma de linha do tempo, identificando as instituições que foram criadas, as que foram extintas e as que sofreram fusão com outras então existentes.

Bom Retiro – S. Paulo – 1910/1950

O que existia no Bom Retiro (o maior centro cultural e social do Brasil):

- Escola de Farmácia e Odontologia da USP
- Escola Politécnica da USP
- Colégio Santa Inês
- Liceu de Artes e Ofício
- Pinacoteca
- Liceu Coração de Jesus
- Colégio Stanford
- Palácio do Governo do Estado de S. Paulo - Cinemas: Lux e Marconi
- Estação da Luz e Estação Sorocabana
- Escolas públicas: Prudente de Moraes, João Kopke, Marechal Deodoro
- Escola Técnica de Comércio Tiradentes
- Igrejas e Sinagogas
- Centros esportivos: Macabi, Corinthians, Filó
- Teatros
- Estabelecimentos comerciais e industriais

1910

- 1912 – Comunidade Israelita de S. Paulo - Kehilat Israel
- 1915 – Sociedade das Damas Israelitas
- 1916 – Sociedade Beneficente Amigos dos Pobres - EZRA; Sinagoga Centro Israelita Knesset Israel
- 1918 – Epidemia da gripe espanhola. EZRA improvisou hospital na Knesset Israel

1920

- 1922 – Ginásio Hebraico-Brasileiro Renascença (Schule Hatchia)
- 1923 – Sociedade Cemitério Israelita de S. Paulo, Vila Mariana
- 1924 – Sociedade Feminina Religiosa e Beneficente Israelita “com fins religiosos e beneficentes entre pessoas que professem a religião israelita”

- 1926 – Círculo Israelita de S. Paulo
- 1927 – Macabi
- 1928 – Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro (LAISPAR KASSE)
- 1929 – Sociedade Beneficente Linath Hatzedek (só em 1935 foi acrescentado “Policlínica”)

1930

- 1931 – Colégio Talmud Torá
- 1932 – Gota de Leite da B’nai B’rith
- 1933 – CARIA - Comissão de Assistência aos Refugiados Israelitas da Alemanha
- 1934 – Sociedade Israelita Paulista - SIP
- 1936 – Congregação Israelita Paulista - CIP; Sanatório para tuberculosos em S. J. dos Campos, da EZRA
- 1937 – Lar das Crianças da CIP; Chevra Kadisha - CIP
- 1939 – Lar da Criança Israelita

1940

- 1940 – OFIDAS - Organização Feminina Israelita de Assistência Social (Fusão: 1915/1932/1939)
- 1941 – Sociedade Religiosa Israelita Asilo dos Velhos
- 1943 – ORT - Escola Profissionalizante
- 1944 – Sociedade Religiosa Israelita de Última Caridade - Câmara Ardente (existiu até 1956, quando passou para a Chevra Kadisha)
- 1946 – Federação das Sociedades Israelitas Brasileiras do Estado de S. Paulo; Comitê de Emergência de Assistência aos Imigrantes EZRA
- 1948 – Proclamação da Independência do Estado de Israel
- 1949 – Conselho de Assistência Social da Federação

1950

- 1951 – Confederação Israelita do Brasil
- 1952 – Inauguração do Cemitério Israelita do Butantã
- 1953 – Conselho de Educação - Vaad Hachinuch - Federação
- 1954 – Instituto Cultural Israelita Brasileiro - Casa do Povo
- 1955 – Serviço Social de Imigrantes do Conselho de Assistência Social da Federação

- 1957 – A Hebraica de S. Paulo (início das atividades); Liga Feminina Israelita do Brasil
- 1958 – Hospital Israelita Albert Einstein. Pedra Fundamental; Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein (inaugurado em 1971)
- 1959 – Congregação e Beneficência Sefardi Paulista Beit Yaacov; Centro Israelita de Assistência ao Menor - CIAM - atualmente Centro Israelita de Apoio Multidisciplinar

1960

- 1960 – OFIDAS e Policlínica em suas novas sedes
- 1963 – EZRA, sede própria (Rua Guarani)
- 1966 – Oficina Abrigada de Trabalho (na Policlínica)
- 1966 – Sanatório para Tuberculosos da EZRA - encerra suas atividades (1930 a 1960)
- 1967 – Congregação Mekor Haim
- 1968 – Conselho de Assistência Social - Centralização Hospitalar da Federação
- 1969 – Serviço Social Unificado do Conselho de Assistência Social da Federação

1970

- 1970 – OFIDAS - Auxílio para mantimentos; Sociedade Religiosa Brasileira Rito Moderno Judaico - SHALOM; EZRA - distribuição mensal de gêneros alimentícios
- 1971 – Fusão Círculo/Macabi; inauguração do Hospital Israelita Albert Einstein
- 1973 – Associação Israelita Beneficente Beith Chabad do Brasil
- 1975 – Serviço Social Unificado da Federação (acerto de cotas financeiras); Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro (encerrou atividades)
- 1976 – Fusão da OFIDAS, EZRA e POLICLÍNICA (Criação da UNIBES)

1980

- 1983 – Organização Feminina Religiosa Israelita de S. Paulo - EMUNAH
- 1985 – ORT - Sociedade Israelita Brasileira

- 1987 – SHALOM - Liga Israelita do Brasil
- 1989 – CIP - Bolsa de Empregos

1990

- 1992 – Instituição Beneficente Israelita TEN YAD
- 1993 – Oficina Abrigada de Trabalho da Shalom Liga Israelita do Brasil; CIAM - Aldeia da Esperança; Federação - Programa Psicopedagogia e Fonoaudiologia
- 1995 – Chaverim - embrião
- 1997/1998 – UNIBES e TEN YAD (intermediada pela Federação a definição de ações sociais)
- 1999 – TEN YAD-WIZO - Bolsa de Estudos Universitários

2000

- 2001 – OR AVROHOM; Cemitério EMBU - Inauguração; Federação - Programa Ajuda Alimentando
- 2002 – Espaço Naar Israel
- 2003 – Centro de Cultura Judaica (Em 2015 passou para UNIBES - Cultural
- 2003 – Sociedade Religiosa e Beneficente Israelita Lar Golda Meir (Antigo Lar dos Velhos) passa a ser administrada como Residencial Israelita Albert Einstein
- 2004 – CHAVERIM (criado juridicamente)
- 2006 – TEN YAD - CAP
- 2007– Associação Beneficente Israelita CHAZAK

2010

- 2010 – TEN YAD - Sede própria
- 2012 – Memorial da Imigração Judaica
- 2016 – Fundo de Bolsa de Estudos (Programa de Apoio à Educação Judaica); UNIBES - Prefeitura de SP (Instituições de Longa Permanência para Idosos — Vila Mariana e Pinheiros

Monografias de conclusão do curso de serviço social

SUSSMAN, Magdalena. A tentativa de integração de imigrantes refugiados através do Serviço Social. Trabalho de conclusão de curso, apresentado para obtenção de título de Assistente Social, à Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1958.

BLUMENTHAL, Marion. Um Estudo sobre a Integração de Refugiados Egípcios Através do Serviço Social. Trabalho de conclusão de curso, apresentado para obtenção de título de Assistente Social, à Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1959.

GROSTEIN, Annita Iracema. O Serviço Social do Ambulatório Médico Policlínica LINATH HATZEDEK. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção de título de Assistente Social, à Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1959.

ZABOROWSKI, Therezinha Davidovich. A criança semi-interna e o tratamento social da família. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção de título de Assistente Social, à Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1960.

GOLDBERG, Eliza. O Serviço Social na Sociedade Israelita de Beneficência EZRA. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção de título de Assistente Social, à Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1961.

SZECHTMAN, Ana. Colaboração da Estagiária na Ampliação do Serviço Social junto a Nova Sede da Policlínica Linath Hatzedek. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção de título de Assistente Social, à Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1961.

PINKUSS, Anita. A utilização dos recursos da comunidade no tratamento social do imigrante israelita em S. Paulo, 1962.

SCHAFIROVITS, Clara. Centro de Convivência para Idosos. Projeto de Criação. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade Paulista de Serviço Social, 1981.

Sobre a autora

Therezinha Zaborowski Davidovich é graduada em Serviço Social pela PUC/ S. Paulo.

Atividades Exercidas

Na Comunidade Maior do Estado de S. Paulo:

- Assistente Social Judiciário — Tribunal de Justiça do Estado de S. Paulo.
- Perito Social junto a Varas da Família e Sucessões e Varas da Infância e Juventude.
- Professora do Curso de Extensão Universitária – Saúde Mental e Justiça – junto ao Instituto Oscar Freire da FMUSP.
- Coautora do livro “Saúde Mental, Crime e Justiça - EDUSP. Na Comunidade Judaica da Cidade de S. Paulo.
- Assistente Social da Federação Israelita de S. Paulo, assistente Social da OFIDAS — Organização Feminina Israelita de Assistência Social, assistente Social da Sociedade Israelita de Beneficência EZRA.
- Designada pela PUC/SP como Supervisora dos Trabalhos de Conclusão de Curso em Serviço Social das alunas:
SZECHTMAN, Ana (Colaboração da Estagiária na Aplicação do Serviço Social junto à nova sede da policlínica Linath Hatzedek).
GOLDBERG, Eliza (O serviço social na Sociedade Israelita de Beneficência EZRA).
PINKUSS, Anita (A utilização dos recursos da comunidade no tratamento social do imigrante israelita em S. Paulo).
- Membro do Conselho Técnico do Centro Israelita de Assistência ao Menor.
- Coordenadora Geral da Instituição Beneficente Israelita TEN YAD.

Migrantes invisíveis: Judeus de Portugal para o Brasil, século XX

Paulo Valadares

Há trinta anos estudo as relações entre os judeus e Portugal, por razões acadêmicas e familiares, pois descendo integralmente desta combinação étnica até o século XV – dentre tantos outros ancestrais, lembro o nosso 15^o avô materno, o alfaiate Agostinho de Paredes, que foi preso pela Inquisição por arrecadar em Lisboa dinheiro com outros cristãos-novos destinado a comprar alimentos e roupas para cristãos-novos presos por judaizantes (Proc. n^o 11.071, 1591, Inquisição de Lisboa). Já li (quase) toda a literatura produzida sobre o tema: artigos e livros, atento principalmente as genealogias e parentelas; como também documentos oficiais – processos inquisitoriais. Buscando intuitivamente identificar a base genealógica deste povo, que é compartilhada por seus descendentes séculos adiante. O judeu não nasce do dia para a noite, ele é resultado de um processo de longa duração.

As relações dos judeus de Portugal com o Brasil são de sua gênese; já no achamento do país, em 1500, há alguns deles na armada de Pedro Álvares Cabral, como Mestre João de Paz, que identificou a constelação “Cruzeiro do Sul”, tão presente na simbologia nacional; ou o tradutor, Gaspar da Gama, um asquenaze de Posen, na Polônia. Já são cristãos-novos – termo jurídico para os judeus batizados católicos e seus descendentes –, seguidos por outros que vêm desterrados ou para recomeçar a vida. Nem sempre são bem-sucedidos: vinte pessoas, entre homens e mulheres, foram queimadas vivas (ou após outra forma de execução), depois de um processo inquisitorial, e condenadas como judaizantes.

No século XVII, com a invasão holandesa, o governante invasor permitiu a prática da religião judaica e a abertura de sinagogas, como a Tsur Israel, dirigida religiosamente pelo rabino Isaac Aboab da Fonseca (1605-1693), nascido em Castro Daire, Portugal. Outro personagem interessante deste grupo é o comerciante Antônio de

Montesinos, de Vila Flor, Portugal, que levou ao rabino Menasseh Ben-Israel (1604-1657), português da Ilha da Madeira, a notícia de que os índios seriam descendentes de judeus. Ele é o oitavo avô do general David Shaltiel, primeiro embaixador israelense no Brasil. Com a derrota holandesa, tudo voltou ao *status* anterior, a proibição de entrada de judeus-públicos e a entrada discreta dos cristãos-novos.

Esta relação entre cristãos-novos e o Brasil levou o comerciante cristão-novo Duarte Gomes de Solis (1562?-1632) a formular um projeto de tornar o Brasil uma espécie de estado luso-judaico. Não deu certo. Só como consequência das guerras napoleônicas e o alinhamento com o Reino Unido é que os judeus puderam entrar abertamente no país.

Nos anos 2014, conheci o documento “ficha consular”, preenchido por imigrantes e turistas que entraram no Brasil a partir dos anos Trinta do século passado. Percebendo o potencial de informações, conciliei com duas fontes que identificam os judeus de Portugal: a revista Ha-Lapid, editada pela comunidade portuense por trinta anos, que registra as principais famílias descendentes de cristãos-novos, através das notas de nascimentos, circuncisões, falecimentos, diretorias de sinagogas, etc.; e a “Genealogia Hebraica”, de José Maria Abecassis, que nomeia os troncos genealógicos que formam a comunidade de Lisboa e segue seus descendentes até os dias contemporâneos. O trabalho deu origem a este artigo e também a um livro ainda inédito, onde esmiúço a genealogia de cada um dos personagens desta transumância (que por restrições de espaço não posso fazer aqui).

Os judeus de Portugal contemporâneos dividem-se em dois grandes eixos: os judeus autóctones do Porto e os magrebinos (de Magreb) de Lisboa. Os primeiros estão em Portugal desde os dias imemoriais e que no século XV foram convertidos ao catolicismo pelo Estado e ficaram nas aldeias de Trás-os-Montes e nas Beiras. Durante séculos casaram-se entre si, mantiveram costumes e somente no começo do século, um deles, o capitão Artur Carlos de Barros Basto (1887-1961), casado com magrebina (Azancot), criou o movimento “Obra do Resgate” para reintroduzi-los na corrente judaica mundial. Construiu a sinagoga Kadoorie Mekor Haim na cidade do Porto, e levou esta mensagem para o interior das aldeias do “*marrano country*” – região entre Chaves e Castelo Branco e a fronteira espanhola.

Já os judeus magrebinos se assentaram em Lisboa e nos arredores a partir do século XIX. São descendentes de sefarditas, expulsos da Península Ibérica no séc. XV e que foram para o Marrocos e Gibraltar; mas, com o declínio da Inquisição, migram para Portugal e para a Amazônia no Brasil. Depois, da Amazônia para Portugal e vice-versa. Durante muitas décadas são liderados pelo professor Moses Bensabat

Amzalak (1892-1978), grande empresário, historiador e amigo do governante professor Salazar.

Vasculhando estas “fichas consulares”, procurando-os pelos nomes, descartando os que não se encaixavam nos critérios, fiquei com 676 emigrantes. Ressaltando que a população judaica em Portugal bate apenas o milhar. Observando a linha do tempo, percebe-se os momentos de crise que os judeus sofrem em Portugal: quando o presidente do Conselho de Ministros, Antônio Granjo (1881-1921), assassinado por vários motivos, inclusive antissemitismo, ele era um “judeu de Carção”, encontramos vários membros de sua parentela refugiando-se no Brasil; nas crises econômicas e políticas, como durante a descolonização na África e finalmente na “Revolução dos Cravos”.

Olhando além das “fichas consulares”, encontramos histórias muitas vezes únicas. Como o cabo-verdiano Simão Benoiel, que pede autorização ao Partido Africano de Independência da Guiné e Cabo Verde para casar-se com uma russa.

Ou dramas como o do aluno Artur Henrique Lopes da *ieshivá* (seminário) da sinagoga do Porto:

“(...) Dou-lhe também parte que tenciono casar-se por todo o mês de Fevereiro, e pela minha parte gostava de ir receber as bênçãos da sinagoga. Mas como a gente é pobre, não podemos ir tão longe, teremos de o fazer só civilmente. Eu, como rapaz novo, tive sempre a esperança de que arranjava qualquer lugarzito antes que fôsse pequeno, mas hoje vejo que já pode ser nada, ter-me-ei de sujeitar a ser escravo para poder comer o escasso pão de cada dia, mas além de tudo perder, ainda tenho fé no grande D’us que me há de ajudar em todos os meus sofrimentos (...)”.

A crise europeia dos anos Trinta, provocada pela política nazista que tinha o objetivo de destruir os judeus na Europa, empurrou-os para a França, e só deixavam um caminho para chegar a América, tanto nos Estados Unidos, quanto o Brasil: o porto de Lisboa. O Professor Amzalak anteviu o momento e montou uma estrutura para receber estes refugiados, contando desde “batedores” na Espanha, para identificar e encaminhá-los para a capital portuguesa. Foi assim que se salvou o 7º Lubavitcher Rebe (1902-1994) e sua esposa, bem como a filósofa Hannah Arendt (1906-1975), dentre outros. O cinema registra este momento no clássico *Casablanca* (1942), de Michael Curtiz.

Migrar para o Brasil é principalmente uma solução para pobres e ricos. Os pobres, em busca de ascensão social, possibilidade de “dar estudo aos filhos” e fazê

-los doutores. Já os ricos, como ampliação de mercado, local de veraneio e educação dos filhos. Para o leitor ter uma noção dos que emigraram, escolhi alguns emigrantes dos três grupos, gente comum; apesar de se ter figuras importantes, como o rabino Mendel Diesendruck (1902-1974), líder espiritual da comunidade de Lisboa por largos anos – ele merece um trabalho à parte. Vamos às biografias-bonsai (como dizia o Paulo Francis).

Judeus autóctones



ARTUR ("Abraham") HENRIQUE LOPES, de Mogadouro, casado, uma filha. Descendente de uma centenária linhagem de negociantes a retalhos, que iam pelos montes, com uma pequena mula carregada de mercadorias. Dizia-se que para cada judeu que nascia na aldeia, nascia também uma mula, tal o determinismo profissional. É dele a carta ao capitão narrando suas dificuldades. Migrou para S. Paulo em 1941. Depois de anos de privações e poupança, abriu o seu estabelecimento de uma porta só.



TERCEIRO CONDE DA COVILHÃ (Dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros, 1899-1970), descendente de cristãos-novos, industriais de lanifícios na Covilhã, pelo lado paterno, e mãe magrebina (Anahory). Foi um dos homens mais ricos de Portugal e também da Europa. Industrial, armador e banqueiro, tinha interesses no Brasil e na África. Mesmo quando não era comum, uma de suas empresas, o Banco Borges, anunciava na imprensa judaica-brasileira.



ERMELINDA ("Rachel") CANADAS MENDES LOPES (1921-2006), nascida nos arredores do Porto, foi preceptora de crianças ricas. Migrou com a filha para S. Paulo, onde, graças ao gosto requintado, empregou-se nas grandes lojas de modas como consultora, e mais adiante montou uma fabriquinha de roupas. A sua filha morreu num desastre, e ela deixou a herança para ser empregada numa creche administrada pelo Beit Chabad. Ambas estão sepultadas no Cemitério Israelita do Butantã.

Judeus magrebinos



JOSÉ MARIA BENSAUDE (1917-1989), pertencente a uma parentela de grandes empreendedores e eruditos. Em 1948, rompeu um bloqueio naval a Israel, enviando o seu navio Jackstar com 7.200 toneladas de trigo. Viveu por anos no Brasil.



SAMUEL SEQUERRA (1913-1992), de uma linhagem de dirigentes comunais. Ele e o irmão gêmeo Joel estiveram plantados em Barcelona, à espera dos judeus que fugiam do terror nazista, para lhes fornecerem documentos e ajuda financeira, até chegarem em Lisboa, e dali encaminhar-se para a Liberdade. Nos anos Cinquenta, migrou para o Brasil, com a missão de receber os judeus expulsos do Egito.



SARA BENOLIEL BARCHILON (1898-1970), nasceu em Borba, Amazonas. Teve poliomelite, mas conseguiu formar-se médica, a primeira pediatra em Portugal, e ser, com grande “escândalo”, uma das primeiras mulheres a dirigir automóvel no país. Tinha nacionalidade portuguesa, mas viveu também no Brasil a partir dos anos Quarenta.

Judeus refugiados



IZIDOR FABISKIEWICZ nasceu na Polônia. Talvez até para driblar o *numerus clausus* (quota máxima de judeus permitidos numa instituição de ensino), tenha se convertido ao catolicismo muito antes da Guerra. Defendeu tese na Universidade de Bolonha. Recebeu um visto para “católico não-ariano” em Roma, mas embarcou em Lisboa. No Brasil, deu uma declaração escrita ao Rabino Pinkus: “(...) *desejo com minha palavra de honra declarar a V. Excia que sou e que nunca deixei de ser israelita (...)*”.



JULIAN TUWIN (1894-1953), sobrinho do pianista Rubinstein, poeta polonês, refugiou-se no Brasil com um visto Sousa Mendes. É considerado um dos renovadores da literatura polonesa. Foi atacado por correntes nacionalistas como se estivesse “judaizando” esta literatura.



HELLA MORITZ (1929-2010), tinha nacionalidade francesa. Chegou jovem ao Brasil com um visto de Sousa Dantas, onde formou-se. Assessorou o general David Shaltiel (1903-1969), primeiro representante de Israel no país. Assumiu depois como secretária dos presidentes do Congresso Mundial Judaico por longos anos.

Aqui o nosso objetivo foi cravar o primeiro registro desta emigração desconhecida, permitindo assim que os pesquisadores possam expandi-lo por várias áreas do conhecimento e contar a história luso-brasileira, daqui em diante, sem omiti-los, tornando-os visíveis.

Anexo 1

Portugueses identificados pelo autor como judeus que entraram no Brasil durante o século XX

ABECASSIS, Raul Isaac Abudarham (1947) - ABRANTES, Maria dos Santos (1952) - ABRANTES, Miguel Henriques (1955) - ABRANTES, Moisés de (1952) - ADLER, Doba (1940) - ADLER, Lipa (1940) - ADLERSBERG, Jadwiga Paulina (1941) - ADLERSBERG, Ziegfried (1941) - AFONSO, Manuel de Jesus (1957) - AFONSO, Manuel Granjo (1956) - AFONSO, Maria Cândida Granjo (1956) - AFONSO, Maria de Fátima (1956) - ALEIXO, Leontina da Glória (1952) - ALGE, Júlio César d' (1940) - ALKAIM, Maria da Conceição (1975) - ALMEIDA, Elisa Chumbo (1952) - ALVES, Guiomar da Conceição Pimparel (1960) - AMAR, Clara (1955) - AMARAL, Rubens (Indeterminada) - AMORIM, Maria Luísa Patrocínio Pessoa de (1964) - AMRAM, Abraão Sequerra (1945) - AMRAM, Aixa Luísa Sequerra (1953) - AMRAM, Joana Feiner Tavares da Silva Sequerra (1964) - AMRAM, Lúcia Goldreich (1961) - AMRAM, Salomão Sequerra (1953) - ANAHORY, Eduardo Fortunato Jaime (1944) - ANAHORY, Maria Teresa Amaral (1955) - ANAHORY, Mimon Jaime (1948) - ATANÁZIO, Antônio Júlio Caló (1958) - ATHIAS, Maria Irene de Melo Brou Anahory (1957) - AZANCOT, Manuel Castro Ferreira (1975) - AZANCOT, Dario

Rafael Sabath (1950) – AZAVEY, Ester Pereira (1957) – BACHMAN, Beatrice Olga Cecília Raquel Julie Bensaúde (1947) – BALTAZAR, Fernanda Tavares Cruz (1962) – BALTAZAR, José Ranito (1962) – BALTAZAR, Maria Ranito (1963) – BARCHILON, Sara Benoliel (1945) – BARREIRA, Albino Gomes (1947) – BARREIRA, Henrique Gomes (1953) – BARREIRA, Lucília Gomes (1953) – BARUCH, Vera Ruth Neves (1953) – BENOLIEL, Israel (1955) – BENOLIEL, Simão Antônio Ramos (1972) – BENRÓS, Álvaro Oliveira (1961) – BENRÓS, Alvear Oliveira (1957) – BENRÓS, Georgina Nobre de Melo (1954) – BENRÓS, Margarida Nobre de Melo (1954) – BENSAÚDE, Carmén Ester Luise (Indeterminada) – BENSAUDE, José Maria (1961) – BENSAÚDE, Luísa Maria Faria Costa (1975) – BENSAUDE, Ricardo Oscar José Marcelo (1940) – BENSAÚDE, Wanda Nadine (1919) – BENSLIMAN, Eduardo José Santos (1927) – BETTENCOURT, Maria João de Vilhena de (1974) – BILLITZ (Hilda Papp) – BOGEN, Alex (1940) – BOGEN, Ilse (1940) – BOGEN, Stefan (1940) – BORGES, Francisco Antônio (1975) – BORGES, Francisco Antônio (Indeterminada) – BORGES, Lúcio Augusto (1961) – BORGES, Margarida (1939) – BOTELHO, José Calmon Navarro de Andrade (1952) – BRAVO, João Gaiolas (1963) – BRIGHAM, Maria José de Melo (1975) – BRODSKY, Olga (1940) – BUZAGLO, Raul Kirk (1975) – CAGI, Ramiro (1971) – CALÓ, Acácio Augusto (1957) – CALÓ, Adelino Afonso (1956) – CALÓ, Hirondino Augusto (1961) – CALÓ, José Joaquim (1954) – CAMPOS, Deomá da Conceição (1953) – CANADAS, Deolinda da Conceição (1954) – CARDOSO, Aída Dinah dos Santos Biscaya Lopes (1975) – CARDOSO, Artur Jorge Batista Lopes (1975) – CARP, Roger Octávio (1964) – CARVALHO, Carlos Alberto Benoliel (1975) – CARVALHO, Júlio Azavery Torres de (1954) – CASTIEL, Dalila da Silva (1954) – CASTIEL, Mimon (1940) – CAUTELA, Alice dos Reis (1957) – CAUTELA, Raul Campos (1963) – CAVALEIRO, Antônio (1957) – CEPEDA, Cândida Augusta (1951) – CEPEDA, João Antônio (1952) – CEPEDA, Leopoldina Maria (1946) – CEPEDA, Viriato Aníbal (1940) – COHEN, Alexandre Francisca dos Santos (1973) – COHEN, Anildo Gama (1962) – COHEN, Armindo Corsino dos Santos (1972) – COHEN, Bernardo Rosa dos Santos (1963) – COHEN, David Antônio Curado (1973) – COHEN, Elisa Maria Silva (1963) – COHEN, Elvira dos Reis (1966) – COHEN, Jaime Fernandes (1983) – COHEN, José Alexandre Vasconcelos (1969) – COHEN, José Cunha Rego (1951) – COHEN, José Daniel Santos (1967) – COHEN, José Manuel dos Santos (1963) – COHEN, Leopoldina da Cunha Rego (1925) – COHEN, Marco David (1984) – COHEN, Maria Alexandra (1963) – COHEN, Maria das Dores Santos (1967) – COHEN, Maria Emília (1925) – COHEN, Maria Isabel Santos (1967) – COHEN, Tatiana Helena Brigham Ferreira de Moraes (1975) –

COHEN, Zelinda Maria Silva (1963) – CONCEIÇÃO, Felismina Henriques da (1952) – CORTEZ, José Alberto de Barros (1935) – COVILHÃ, 3º Conde da (1941) – CYMERMAN, Carlos Finkelsztein (1976) – CYMERMAN, Paltiel (1962) – CYMERMAN, Rebeca Benarroch (1963) – CYMERMAN, Ruchla (1963) – DIESENDRUCK, Liliane Sara Felícia (1954) – DIESENDRUCK, Arnold (1954) – DIESENDRUCK, Elhanan (1952) – DIESENDRUCK, Helena (1953) – DIESENDRUCK, Hesse (Indeterminada) – DIESENDRUCK, Lily (1952) – DIESENDRUCK, rabino Mendel (1954) – DIOGO, Celeste dos Anjos Lopes (1935) – DIOGO, Domingos Antônio (Indeterminada) – DIOGO, Luís Maria (1953) – DIOGO, Manuel Joaquim (1953) – DIOGO, Manuel Joaquim (1947) – DIOGO, Tobias (1946) – DUARTE, Mario Santiago Salgado Buzaglo Costa (1981) – DRAY, Antônio José Pereira Machado (1967) – DZIALOSCHINSKY, Maria Emília (1959) – ELIAS, Francisco Antônio (1952) – ELIAS, Maria Adelaide Gomes (1958) – ELIAS, Maria José (1953) – ESPÍRITO SANTO, Eugenia do (1939) – EZAGUY, Amélia (1943) – FABISZKIEWICZ, Erna (1940) – FABISZKIEWICZ, Izydor (1940) – FEIGL, Fritz Israel (1940) – FEIGL, Regina (1940) – FENYVESI (Lidia) – FENYVESI (Lidia) – FENYVESI (Zoltan) – FERNANDES, Rui Antônio Pimparel (1979) – FERREIRA, Eugênio Olímpio (1960) – FERREIRA, José Carlos (1960) – FERREIRA, Lucy Rizette Brigham Cohen (1975) – FEVEREIRO, Maria Maud Sarmiento Cohen (1951) – FLACHFELD, Ellen Dreyfus (1940) – FONSECA, Max Camis de (1940) – FONSECA, Sara Leão Eusébio (1939) – FROES, Maria Canadas Mendes (1953) – FURRIEL, Maria Ester (1953) – GALIANO, Donato Bentubo (1956) – GELEHRTER, Fanny (1962) – GOLDSCHMIDT, Gaby Nannette (1975) – GRANJO, Eugênio Manuel Pires (1958) – GRANJO, Francisco Antônio Pires (1947) – GRANJO, Inez Ferreira (1956) – GRANJO, Isabel Pires (1947) – GRANJO, Leonel Augusto Pires (1960) – GRANJO, Leonel Vicente (1937) – GRANJO, Luís Vaz (1952) – GRANJO, Maria Eugenia Pires (1953) – HASSON, Claude (1940) – HASSON, Dora (1940) – HASSON, Isabelle (1940) – HASSON, Philippe (1940) – HENRIQUES, Ester da Silva (1955) – HENRIQUES, comendador Mário Campos (1961) – ISAÍAS, Abílio Adriano (1952) – ISAÍAS, Adília dos Anjos (1946) – ISAÍAS, Ester do Nascimento (1952) – ISAKOWITZ, Samuel Cukerkopf (1954) – ISRAEL, Abraham Alberto Ruben (Indeterminada) – ISRAEL, Ruben (Indeterminada) – KAMENEZKY, Arnilda da Cruz Roque Penim (1964) – KATZ, Richard (1941) – KLÄRMANN, Berta Celina (1940) – KLÄRMANN, Eliza Ewelina (1940) – KORNREICH, Stanislas (1941) – LAPAS, Fernando José Zylberberg (1956) – LAPO, Arnilda Gentil (1968) – LAPO, Augusto José (1950) – LAPO, Fernando da Ressurreição (1960) – LAPO, Laura (1913) – LAPO, Laura de Jesus (1962) – LAPO, Manuel Antônio (“David”) (1940) – LAPO,

Manuel Artur (1968) – LAPO, Manuel de Jesus (1960) – LAPO, Manuel José (1923) – LAPO, Ofélia Maria (1960) – LEAL, Manuel Victor Saragga (1939) – LEÃO, Cândida Amália da Costa (Anos 20) – LEÃO, Maria Alice de Lourdes da Costa (1953) – LEVY, Albert (1940) – LEVY, Arlette Djemille Hodara (1962) – LEVY, Debora (1957) – LEVY, Ernst (1940) – LEVY, Isaac (1955) – LEVY, Isabel Roffé (1961) – LEVY, Johanna Sibylla (1940) – LEVY, Joshua (1960) – LEVY, Luna Amram (1958) – LEVY, Mário Pinto (1950) – LEVY, Mazaltov (1962) – LEVY, Nissim André Hodara (1963) – LEVY, Salomão José da Guerra Quaresma Vilhegas de Quinhones (1963) – LEVY, Samuel Mário Roffé (1938) – LEVY, Susanne (1940) – LEVY, Vitória Hodara (Indeterminada) – LIGETI, Maria Manuela (1954) – LIGETI, Ana Margarida (1954) – LIGETI, Fanny Schwarz (1954) – LIGETI, Marianne Ramira (1954) – LIGETI, Nicolas (1954) – LIMA (II), Artur Maurício Jorge de (1941) – LIMA, Agenor Borges (Indeterminada) – LIMA, Arminda Alice Jorge de (1942) – LIMA, Cristiano Jorge de (1959) – LIMA, Eurico Artur Jorge de (1940) – LIMA, Maria do Céu Jorge de (1940) – LOPES, Artur Henrique (“Abraham”) (1940) – LOPES, Daisy Benamor (1953) – LOPES, David Gelehrter da Costa (1962) – LOPES, Ermelinda Canadas Mendes (“Rachel”, 1954) – LOPES, Igor Gelehrter da Costa (1962) – LOPES, José Manuel Granjo (1954) – LOPES, Maria João Canadas Mendes (“Míriam”) – LOPES, Otilia Rodrigues (1940) – LOPES, Rui Gelehrter da Costa (1962) – LOPES, Ruth Gelehrter da Costa (1962) – MAISSA, Ricardo Emílio Basola (1975) – MAMAM, José Mendes (Indeterminada) – MARCIER, Emeric (1940) – MARCOS, Antônio Joaquim (1911) – MARCOS, Germana da Conceição (1953) – MARCOS, Isabel Maria (1939) – MARQUES, Edmundo Ruah (1975) – MARRÃO, Carolino Augusto (1954) – MARRÃO, Diamantina de Lourdes (1961) – MARRÃO, João Miguel (1939) – MARRÃO, Manuel Antônio (1951) – MARRÃO, Maria da Assunção (1951) – MARRÃO, Zulmira Augusta (1951) – MARTINS, Judith Wahnnon de Sousa (1974) – MARTINS, Victor Manuel Wahnnon de Sousa (1974) – MEDEIROS, Fernando Lopes (1940) – MENDES, Felicidade (“Mazal”) (Indeterminada) – MENDES, Elvira del Cos (“Rachel Alegria”), (Indeterminada) – MESQUITA, Maria Adelaide da Costa (1953) – MESQUITA, Sara dos Santos (1958) – MORÃO, Antônio Ismael Moreira (1961) – MORÃO, José de Paiva (1962) – MOREIRA, Armando de Jesus Custódio (1952) – MOREIRA, Carlos Alberto (Anos 40) – MORENO, Aída da Conceição (1948) – MORENO, Angelina Augusta (1954) – MORENO, Antônio Augusto (1941) – MORENO, Antônio Francisco (1953) – MORENO, Francisco Inácio (1951) – MORENO, Raquel Emília (1979) – MORITZ, Armand Henri (1941) – MORITZ, Ernest Sigmund (1941) – MORITZ, Hella (1941) – MORITZ, Margot (1941) – NEVES, Celeste da Graça (1956) – NEVES, Lília da

Graça (1953) – NEVES, Maria da Graça (1946) – NUNES, Armanda (1980) – NUNES, João Antônio (1959) – NUNES, Maria Augusta Cardoso (1939) – OHANA, Simon (1940) – OTTOLINI, Jorge Manuel Wahnnon (Indeterminada) – OULMAN, Margarida Adela Hidalgo (1977) – PAIVA, Armênio Augusto Henriques de (1962) – PAIVA, Joaquim Maria Henriques de (1912) – PAIVA, Manuel Augusto Henriques de (1953) – PAIVA, Maria Alice (1956) – PERA, Moisés dos Anjos (1960) – PEREIRA, Carolina Nair (1961) – PILÃO, Alberto de Pina (1953) – PILÃO, Antônio Inácio de Sá (1963) – PILÃO, José Augusto de Sá (1963) – PILÃO, Maria Edite do Nascimento Alves de Sá (1953) – PIMPAREL, Alice da Assunção (1957) – PIMPAREL, Maria Elias (1952) – PINA, Abraão da Silva (1963) – PINHEL, Maria de Lourdes Sá Brandão de Almeida (1948) – PINTO, Danilo Silva (1977) – PINTO, Olavo Wahnnon (1977) – PIRES, Natividade Amado (1953) – PISSARRO, Luís Maria (1962) – POLLENZ, Félix (1940) – PRAÇA, José Augusto Rodrigues (1954) – PRAÇA, Maria Augusta (1913) – PRETO, Celeste da Conceição Nunes (1968) – QUINA, Maria Manuela Borges do Quental Calheiros Gentil (1944) – RANITO, Guilhermino Pereira da Silva (“Samuel”, 1955) – RANITO, José Herculano Pinto (1982) – RANITO, Mário Lopes da Costa (1951) – RANITO, Paulo da Silva (1954) – REICHMANN, Juljusz Leon (1941) – REICHMANN, Marek (1941) – REICHMANN, Mina (1941) – RIBEIRO, Astrid da Paz (1949) – RIESENFELD, Ludwig Israel (1952) – RODRIGUES, Antônio (“Yomtob”, 1940) – RODRIGUES, Ernesto Augusto (1956) – RODRIGUES, Manuel Augusto (“Emanuel”, 1940) – RODRIGUES, Maria Alice (1940) – RODRIGUES, Maria Alice (1947) – ROSA, Fernando da Silva (1951) – ROSENSTOCK, José (1965) – RUAH, Ester de Melo (1975) – RUANO, Moisés (1920) – SÁ, José de Sousa Ribeiro de (1963) – SALDANHA, Natalina do Nascimento (1951) – SALEM, Alberto (1945) – SALGADO, Ricardo Espírito Santo Silva (1965) – SAMUELY, Janina Gertrudes (1941) – SANCHES, Abraão Moisés (1953) – SANCHES, Raquel Augusta (1956) – SANTOS, Fortunato de Almeida (1957) – SANTOS, Isaac dos (1950) – SANTOS, Josué (1953) – SANTOS, Silvério Isaac de Mesquita dos (1951) – SANTOS, Sofia de Melo Brigham Varela (1975) – SARAIVA, Francisco dos Santos (1957) – SARMENTO, Carmen Dolores Cohen (1957) – SCHIFF, Chaskiel Heinrich (1941) – SCHORCHT, Anne Marie Benlisman (1954) – SCHORCHT, Raquel Santos Benlisman (1954) – SCHULMANN, Dominique Françoise Mathilde (1940) – SCHULMANN, Gaston (1940) – SCHULMANN, Jean-Pierre Philippe (1940) – SCHULMANN, Jeanine Fanny (1940) – SEABRA, Carlos Tabosa Saragga (1977) – SEABRA, Dulce Tabosa Saragga (1961) – SEDLAK, Lilli Lowenthal (1940) – SEQUERRA, Arão Levy (1958) – SEQUERRA, Claudine de Jong (1958) – SEQUERRA, Donna Levy (1960) – SEQUERRA, Jacob

(1953) – SEQUERRA, Joel (1958) – SEQUERRA, Judite Bentes Ruah (1953) – SEQUERRA, Mietje de Jong (1955) – SEQUERRA, Moses Levy (1958) – SEQUERRA, Salomão (1955) – SEQUERRA, Salomão Levy (1958) – SEQUERRA, Samuel (1952) – SEQUERRA, Semtob Dreiblatt (1963) – SEQUERRA, Simy Levy (1958) – SILVA, Ana Maria Anunciata de Fátima de Morais Sarmiento Cohen do Espírito Santo (1960) – SILVA, Ildo Benrós (1964) – SILVA, João José Pereira Cruz Henriques da (1978) – SILVA, Sílvia Carvalho da (1955) – SOBEL, Rabino Henry Isaac (1970) – SORIN, Dina (1956) – STEIN, Ruth (1953) – STERN, Leopold (1940) – SVEVO, Mário Schmitz (1940) – SVEVO, Vanda Matiejevic in Schmitz (1940) – SZENES, Arpad (1940) – TEIXEIRA, Leão José Azavey (1955) – TEIXEIRA, Maria Antônia Torres de Oliveira Azavey (1958) – TELES, Ernesto Rodolfo (1953) – TELES, Gilberto Cepeda (1969) – TELES, Otilia Cohen da Cunha (1957) – TORRES, Francisco Saraiva da Silva (1950) – TUWIN, Julian (1940) – VALADARES, Maria Celeste dos Santos (1952) – VAZ, Avelino Justo Ruano (1957) – WAHNON, Alice (1956) – WAHNON, Dinorá Mascarenhas (1974) – WAHNON, Donald Mascarenhas (1957) – WAHNON, Eurico Mascarenhas (1959) – WAHNON, Judith Mascarenhas (1965) – WEINBERG, Maximo Dário Becker (1961) – WEINSTEIN, Hannah Esther (1954) – WEINSTEIN, João (1961) – WIZNITZER, Arnold (1940) – WIZNITZER, Dobra (1940) – XAVIER, Aline Lopes (1955) – ZAFFRANY, Esther Dehaine (1957) – ZAGURY, Clara Levy Baruel (1977) – ZAGURY, Marcos Benoliel (1976) – ZAGURY, Paloma Benoliel Barchilon (1960) – ZAGURY, Vera Baruel (1976).

Bibliografia

Manuscritos

- Cartas pessoais e genealogias pertencentes ao acervo do Autor.

Outros

- Atas da sinagoga “da Abolição”, 1929-1956;
- “Fichas consulares de qualificação”. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Disponíveis também no sítio “FamilySearch” pertencente à Igreja de Jesus dos Santos dos Últimos Dias;
- Lápides (Cemitério Israelita de Vila Mariana e do Butantã);
- Manifestos (“Lista Positiva de Passageiros”). Museu da Imigração do Estado de S. Paulo;
- Registros paroquiais (originários dos Acervos Distritais portugueses).

Impressos

- ABECASSIS, José Maria. *Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar. Séculos XVII a XX*. Volumes I-V. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, 1990.
- HA-LAPID. Órgão da Comunidade Israelita do Porto.

Sobre o autor

Paulo Valadares é licenciado (PUC-Campinas) e Mestre em História Social (USP). Autor de uma centena de artigos e cinco livros sobre história judaica, um deles, o *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes*, premiado com o The AJL Judaica Reference Award (2003). coautor com Faiguenboim e Campagnano. Editor do newsletter *Gerações / Brasil* da Sociedade Genealógica Judaica do Brasil e do Boletim Informativo do Arquivo Histórico Judaico do Brasil. Membro do Conselho Curador do Memorial da Imigração Judaica.

Legado dos artistas refugiados do Holocausto no Brasil

Maria Luiza Tucci Carneiro

Inventário de um legado

Apresento aqui os resultados preliminares do projeto *Travessias*, dedicado a investigar a produção cultural dos refugiados do nazifascismo radicados no Brasil entre 1933-1945. Enfrentando dificuldades na Europa ocupada pela Alemanha, centenas de artistas, intelectuais e cientistas escaparam da violência totalitária e do antissemitismo perpetrado pelos nacional-socialistas e colaboracionistas. Um segmento buscou refúgio no Brasil, onde conseguiu adaptar-se a realidade brasileira engajando-se nos movimentos modernista e de resistência ao nazismo; outros optaram pelo exílio temporário e, após a Segunda Guerra Mundial, retornaram à Europa em busca dos movimentos de vanguarda históricos. Alguns, desencantados com suas pátrias de origem, emigraram para outros países, dentre os quais Estados Unidos e Israel. Independentemente de religião, ideologia ou estado de espírito, deixaram um importante legado para a cultura brasileira.

A partir de um *corpus* documental selecionado junto a museus e arquivos brasileiros, procuramos reconstituir as trajetórias de vida de um grupo de artistas que, inseguros diante da ascensão do nacional-socialismo na Alemanha e países ocupados, foram forçados a emigrar. Autodidatas, aprendizes de grandes mestres ou formados nas mais importantes universidades europeias, identificavam-se com as vanguardas artísticas em voga na Europa desde as primeiras décadas do século XX. Suas rotas de fuga e as dificuldades para conseguir um visto para emigrar expressam a persistência de suas utopias, ambições e estratégias de sobrevivência em um mundo abalado pela violência institucionalizada, pelo racismo e pela xenofobia. Alguns fugiram, à sua maneira, em busca da “Terra Prometida”, ora

como fragmento do imaginário alimentado pelo discurso promissor do movimento sionista, ora como uma saída de emergência diante do perigo da morte anunciada pelas ações genocidas da Alemanha e países colaboracionistas.

Priorizamos as trajetórias daqueles que foram violentados em seus direitos de pessoa humana e/ou perseguidos por serem judeus ou de origem judaica. Para entender melhor as rotas de fuga desde a Europa, consideramos as políticas intolerantes aplicadas em suas comunidades de origem, ou por onde transitavam, até a sua chegada no Brasil, então sob o comando de Getúlio Dornelles Vargas, que, no primeiro mandato, governou o país de 1930 a 1945. A historiografia brasileira tem comprovado que, durante esse período, o Estado brasileiro adotou cotas de imigração instituídas pela Constituição de 1934 e aplicou, entre 1937-1949, um conjunto de circulares secretas antissemitas restringindo a entrada dos refugiados do nazismo no Brasil. Diante dessas restrições, um grande número de semitas [leia-se judeus] encontraram dificuldades para obter vistos de entrada, sendo obrigados a adotar subterfúgios para mascarar sua condição de apátrida ou de refugiado político. Por questões de segurança, alguns procuravam ocultar suas origens judaicas, pois poderiam ser rotulados de representantes de uma “raça” inferior, produtores de uma cultura “degenerada” ou adeptos de ideologias exóticas, dentre as quais o comunismo e o socialismo.¹

Levamos em consideração as circunstâncias que impulsionaram as fugas desde os seus países de origem, onde os aparatos repressores do Estado os colocavam nas condições de párias sociais, “raça degenerada” e seres sub-humanos. De acordo com o ideário nacional-socialista, somente a “raça ariana” seria capaz de criar e manter culturas e civilizações, sendo as demais meramente instrumentos de destruição cultural. Sob este viés, a raça “judaico-semita” (*jüdisch-semitisch*) e a cultura produzida pelos artistas e intelectuais judeus deveriam ser eliminadas por ameaçarem a sobrevivência de uma civilização ariana homogênea. O confisco desta produção atingiu um grupo expressivo de artistas alemães, austríacos e poloneses identificados com o modernismo e os movimentos de vanguarda europeus, como expressionismo, futurismo, cubismo, dadaísmo e surrealismo.

De um contingente de 500.000 refugiados, cerca de 86.000 conseguiram asilo em países latino-americanos, tendo a Argentina acolhido cerca de 45.000 refugiados, e o Brasil, cerca de 16.000 refugiados de fala alemã. Entre 1933 e 1945, período que se

1 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo. O Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo*. S. Paulo: Perspectiva, 2010.

estende desde a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, até o final da Segunda Guerra Mundial, entraram no Brasil cerca de 14 mil refugiados judeus, de diferentes nacionalidades e profissões.² A partir de 1945, o deslocamento humano que caracteriza a Diáspora judaica entrou numa segunda fase, avaliada como um imenso *êxodo espontâneo* delineado pela tentativa de retorno à vida. Muitos tentaram “voltar para casa”, como fez Erich Brill, exilado no Brasil entre 1934-1936; outros, recém-saídos dos campos de concentração e dos abrigos clandestinos, procuraram abrigo nos campos de refugiados instalados pelas forças aliadas na Alemanha e na Áustria; os mais idealistas dirigiram-se para a Palestina, arriscando-se pelas rotas clandestinas demarcadas ao sul da Europa. Diante destes constantes reagrupamentos em novos espaços, centenas de refugiados permaneceram no Brasil, pediram sua naturalização como cidadãos brasileiros e produziram obras fantásticas que merecem aqui nossa atenção na qualidade de legado cultural.

Da tragédia humana à cordialidade brasileira

O discurso que permeia a produção dos artistas exilados ou radicados definitivamente no Brasil entre 1933-1945 articula-se em torno de duas imagens: da *tragédia humana*, cujos efeitos se fizeram sentir ao longo de suas vidas; e da *cordialidade brasileira*, divulgada pelo governo brasileiro, que mascarava suas políticas racistas por um falso discurso humanitário.³ Analisando a produção desses grupos a partir de 1933, constatamos que eles transformaram suas narrativas em crônicas de sensações visuais e emocionais. Comprometidos com a história – como personagens de um momento de convulsão da sociedade ocidental –, esses indivíduos, muitos dos quais apátridas, emergiram do seu universo trágico para interferir diretamente no universo da criação. Transformaram cada pincelada, traço, som, frase ou palavra, em camadas coloridas de sobressaltos emocionais, incorporando fragmentos das suas histórias de vida com elementos da realidade brasileira.

Acompanhando o espírito modernista dos anos 30 e 40, souberam extrair da paisagem e do cotidiano a essência do caráter nacional, atraídos – estrangeiros que eram

2 MÜNLEN, P. von zur, *Fluchtziel Lateinamerika: Die deutsche Emigration 1933-1945*. Bonn: Neue Gesellschaft, 1988; KESTLER, Izabela Maria Furtado, “Brasilien”, In: KROHN, De outros, *Handbuch der deutschsprachigen Emigration 1933-1945* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchellschaft, 1998), 183-92; KESTLER, Izabela Maria Furtado, *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. S. Paulo: Edusp, 2003.

3 *Memorial ao Ministro do Exterior da Alta Comissão Pró-Refugiados (judeus e demais), procedentes da Alemanha*, por James G. McDonald, Alto Comissário Pró-Refugiados. Rio de Janeiro, 18 de março de 1935, Lata 1243, Maço 27864. AHI/RJ.

– pelo exótico, pelo popularesco e pelos “tipos brasileiros”. No entanto, jamais deixaram de lado suas identidades culturais distintas por suas origens e formação cultural europeias. Diferentes olhares e múltiplas versões foram arrancadas daquele mundo “cinzento” da guerra, projetando-se numa expressiva produção cultural sob a forma de metáforas. Agrupados por suas tendências arrojadas e polêmicas, esses estrangeiros contribuíram para gerar uma nova cultura no Brasil. Alguns artistas tiveram sua produção ligada ao expressionismo abstrato, apresentando repertórios simbólicos inspirados na sua vivência interior.



Lise Forell, *Carnaval da Fome*, óleo sobre tela, Rio de Janeiro, 1983. Acervo da Artista/SP

No circuito cultural brasileiro, dezenas de artistas refugiados fizeram da sua arte uma forma de protesto e resistência ao nazismo. Alguns preferiram refugiar-se na representação das formas abstratas, recriando no Brasil sua condição de “cidadão do mundo”. Souberam transformar a tristeza do exílio em arte, expressando a sua consciência de estar, constantemente, em busca de uma “terra prometida”. Como parte de um inventário preliminar, citamos:⁴

Artistas (pintores, desenhistas, gravuristas, escultores, arquitetos): Adina Worcman (1948), Alice (Czapka) Brill (1920-2013), Agi Strauss (1926), Àrpád Szenes (1897-1985), Anguelova Wolf (1923-2005), August Zamoisky (1893-1970), Axl Leskoschek (1889-1975), Erich Brill (1895-1942), Ernest de Fiori (1884-1945), Eva Lieblich (1925), Faiga Ostrower (1920-2001), Frans Krajcberg (1921-2017), Hannelore Jacobowitz (1927), Hubert Donat Alfred Agache (1875-1959), Franz Josef Weissmann (1911-2005), Gerda Brentani (1908-1999), Gerty Schmetterling Saruê (1930), Gisela Eichbaum (1920-1996), Henrique Boese (1897-1982), Hilde Waldman Weber (1913-1994), Irmgard Burchard Simaika (1908-1964), László Zinner (1908-1977), Lise Forell (1924), Liuba Wolf (1923-2005), Markus Mizne (1908-1994), Marietta Rosenthal Wagner, Ruth Sprung Tarasantchi (1933), Roger van Rogger (1914-1983), Samson Flexor (1907-1971), Stefan Rosenbauer (1896-1967), Victor Reif (1909-2000), Szymon Tredler (1949) e Walter Lewy (1905-1996).

4 Este inventário preliminar pode ser consultado em: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, Brasil, *Refúgio nos Trópicos*. S. Paulo: Estação Liberdade, 1997, p. 165-169; KESTLER, I. M. F., Op. cit.; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. *Histórias de Vida dos Refugiados e Sobreviventes da Shoah*. S. Paulo: Maayanot, 2017, Coleção Vozes do Holocausto, volumes 1 e 2.

A maioria dos artistas que optaram por permanecer no Brasil principalmente após 1945, transformou sua produção em instrumento de contestação social, interpretando as ansiedades coletivas de uma nova era pós-Holocausto. Críticos e conscientes de suas identidades nacionais, nem sempre negociadas, não deixaram de recorrer às suas raízes, tatuando suas obras com ícones e metáforas sobrepostos numa verdadeira antropofagia latino-americana. Cada qual, segundo a sua formação, especialidade, traumas e memórias, encontrou uma fórmula própria para interferir na realidade brasileira de forma crítica e construtiva. Movidos por suas lembranças e emoções, buscaram o seu refúgio possível, entre-mundos.

Arte e literatura engajadas

Os artistas refugiados no Brasil a partir de 1933, tiveram o privilégio de participar de uma rede social sólida e consistente que os ajudou a projetar-se como vanguardistas da modernidade. Compartilhando de valores e objetivos comuns, ganharam a confiança e a lealdade de personalidades importantes da cultura brasileira. O fato de os modernistas brasileiros de 1922⁵ mostrarem-se mais comprometidos com as questões sociais nas décadas de 30 e 40, aproximou-os dos refugiados europeus que careciam de oportunidades de diálogo e sociabilidade. Muitos permaneciam no país em condições precárias, portando vistos temporários, vivendo em pensões, dando aulas de pintura e ilustrando livros. Estratégias de sobrevivência que, nem sempre, correspondiam às suas expectativas de estrangeiro culto, formado nos grandes centros produtores de saberes da Europa. Fica evidente que as dificuldades de adaptação aumentaram com as campanhas de nacionalização das minorias étnicas levadas a cabo pelo governo brasileiro, que, a partir de 31 de março de 1938, fechou editoras, jornais, clubes, associações e escolas de língua alemã.

5 Os modernistas brasileiros de 1922 podem ser definidos como um grupo de artistas e intelectuais envolvidos com a Semana de Arte Moderna, daquele ano, evento que marcou o início desse importante movimento cultural, artístico e literário da primeira metade do século XX. Considerada um momento de ruptura, a Semana de 22 ocorreu em um momento de insatisfação política no Brasil, em decorrência do aumento da crise econômica e do desemprego, greves e protestos. Estimulados pelas vanguardas europeias, os modernistas brasileiros queriam romper com os paradigmas das artes e literatura tradicionais em busca da libertação estética, experimentações artísticas, liberdade formal (versos livres, abandono das formas fixas, ausência de pontuação), linguagem com humor, valorização do cotidiano. Principais modernistas brasileiros: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Lasar Segall. Ver AMARAL, Aracy. *Artes Plásticas na Semana de 22*. S. Paulo: Perspectiva, 1979.

Os artistas refugiados, ainda que de forma tímida e esporádica, denunciaram os acontecimentos que abalavam a Europa. Mas deveriam ser discretos, devido à condição de estrangeiro, à censura e à vigilância empreendida pelos aparatos repressivos do Estado. Comprometidos com os seus pares, refugiados como eles, procuraram modelos alternativos (muitas vezes clandestinos) que possibilitassem sair daquele estágio temporário para retornar à normalidade. Como vítimas da violência totalitária e militantes pela paz mundial, exigiam a liberdade de pensamento e protestavam contra a guerra e a intolerância. Os mais politizados tornaram-se adeptos de movimentos antifascistas, dentre os quais: Alemanha Livre, Áustria Livre e França Livre. Tais grupos surgiram como eventos datados a partir da ocupação alemã na Áustria e na França, restringindo-se ao Rio de Janeiro, S. Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, capitais que abrigavam essas comunidades imigrantistas.

Escrevendo, esculpindo, desenhando e/ou pintando, exprimiram suas indignações diante do absurdo e dos horrores praticados pelos nazistas e colaboracionistas. Mas, somente no pós-guerra, quando animados pela crítica brasileira, conseguiram exibir suas obras na Europa e no Brasil em busca de reconhecimento e, também, como forma de mostrarem o estado de suas almas dilaceradas pela emigração ou exílio forçados. Inspirados por seus desencantos com a pátria de origem, procuraram interpretar a realidade brasileira, mas nem sempre conseguiam livrar-se dos dualismos, pois continuavam divididos entre o velho e o novo mundo, entre-mundos. Para aqueles que pretendiam voltar um dia, havia uma recusa quase emocional de aproximar-se da população brasileira com o objetivo de conhecê-la de perto, pois não conseguiam desligar-se de suas raízes europeias. Percebendo a fragilidade da razão, tentavam “estar-no-mundo”, cada qual ao seu modo.

Os artistas refugiados no Brasil estiveram em contato com a elite artística brasileira em busca de soluções que os ajudassem a assimilar seus traumas e a minimizar suas angústias, enquanto aguardavam pelo final da guerra. Procuravam, na maioria das vezes, contatos com aqueles que poderiam lhes trazer prestígio e favorecer sua entrada no circuito cultural brasileiro. A crise existencial era constante, truncando o diálogo direto com o povo. Este foi, por exemplo, o dilema vivenciado por Samsom Flexor, Vilém Flusser, Stefan Zweig e Maria Helena Vieira da Silva, entre outros. Para alguns, viver no exílio significava viver na solidão, em constante processo de fuga, como escreveu Vilem Flusser em *Bodenlos*, sua autobiografia filosófica.⁶ Nuances desse legado e o intercâmbio entre esses artistas estrangeiros com

6 FLUSSER, Vilem. *Bodenlos*. Uma autobiografia filosófica. S. Paulo: AnnaBlume, 2007, p. 77.

os nacionais durante a Segunda Guerra foram reconstituídos na exposição *Tempos de Guerra – Hotel Internacional/Pensão Mauá*, realizada na galeria de arte BANERJ, no Rio de Janeiro, em 1986.⁷

O círculo dos artistas refugiados

Ao cruzarmos as vivências desses artistas refugiados no Brasil entre 1933-1945, constatamos que seus espaços de circulação estavam restritos, principalmente até o final da guerra, aos locais frequentados por seus iguais ou por profissionais da classe artística. Raros foram aqueles que se aproximaram das elites governamentais ou que conseguiram trabalho junto aos órgãos oficiais. No entanto, transitaram e foram muito bem acolhidos por um grupo de artistas e intelectuais brasileiros, dentre os quais estavam Lasar Segall, Cândido Portinari, Guignard, Burle Marx, Beatriz Reynal, Tarsila do Amaral, Francisco Rebolo, Rossi Osir e Mário de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Carlos Scliar, Ruben Navarra, Eros Martim Gonçalves, Athos Bulcão e Djanira, o casal de músicos Arnaldo Estrella, Mariuccia Iacovino e a poetisa Yone Stamatto.

Um dos pontos de encontro desses exilados (que pensavam em retornar) era a pensão *Mauá*, em S. Teresa, no Rio de Janeiro que abrigou os pintores Tadashi Kaminagai, Maria Helena Vieira da Silva, Árpád Szenes, Wilhelm Woeller e o escultor Augusto Zamoisky. Havia também a pensão *Caminer*, que, além de moradia, funcionava como uma espécie de centro de convivência dos refugiados de língua alemã no Rio de Janeiro. Outro espaço era a *Livraria Askanazy*, posteriormente *Galeria Askanazy*, cujos proprietários reuniam um expressivo grupo de refugiados identificados por suas posturas ideológicas e estéticas. Perseguidos e/ou expulsos de seus países de origem, uniram-se em coletivas na *Galeria Askanazy*, promovendo as obras de artistas “degenerados”, até então condenados ao ostracismo na Alemanha.⁸ Em 1945, Miércio Askanazy, refugiado judeu vindo da Polônia em 1939, organizou a primeira mostra dedicada à essa arte na cidade do Rio de Janeiro. Dentre as obras expostas estavam *Sonho* e *Mãe Cabocla*, de Lasar Segall. Esse evento inspirou neste ano de 2017, o Museu Lasar Segall e Museu de Arte Moderna de S. Paulo a organi-

7 *Tempos de Guerra – Hotel Internacional/Pensão Mauá*. Catálogo da exposição com curadoria de Frederico Morais, Galeria de Arte Banerj, Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro, 1986.

8 Sobre este tema, ver: NICHOLAS, Lynn H. Europa Saqueada. O destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial. Tradução C. A. Malferrari. S. Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 21-23; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; LAFER, Celso, Judeus e Judaísmo na Obra de Lasar Segall. S. Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p. 47-58.

zarem a exposição “*Arte Degenerada*” de Lasar Segall: *Perseguição à Arte Moderna em Tempos de Guerra*, em cartaz no Museu Lasar Segall até 30 de abril de 2018. A curadoria é da professora do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, Helouise Costa, e do pesquisador do Museu Lasar Segall, Daniel Rincon.⁹

No pós-guerra ocorreu um alargamento dos círculos que asseguravam público maior para os artistas e escritores estrangeiros ainda refugiados no Brasil. Em São Paulo, a *Galeria Domus* transformou-se no ponto de encontro desses artistas com intelectuais, críticos de arte e a imprensa paulistana. Fundada em fevereiro de 1947 por iniciativa do casal de imigrantes italianos Anna Maria Fiocca e Pasquale Fiocca, incentivou o mercado de arte moderna em São Paulo até o surgimento do Museu de Arte Moderna-MAM. Ali expuseram as alemãs Lisa Ficker e Alice Brill, os poloneses Anatol Wladyslaw e Frans Krajcberg, o belga Roger Von Rogger e a búlgara Liuba Wolf.

Apesar das dificuldades financeiras e de adaptação, os exilados e os refugiados radicados permanentemente no Brasil, não ficaram inertes diante das violências totalitárias lideradas por Adolf Hitler a partir de 1933. Registraram suas impressões sobre o Brasil cumprindo com uma dupla missão: política e estética. Serviram como mediadores de um mundo dividido, em guerra. Como artistas, projetaram suas ambições utópicas inspiradas nas vanguardas europeias. Formaram redes de resistência e, como ativistas da Diáspora, colaboraram para a criação de espaços de identidade em terras estrangeiras, dissolvendo a noção de fronteira física. Suas imagens são hoje importantes marcos para vislumbrarmos as distintas visões conferidas à vida em liberdade, ainda que o exílio fosse provisório e provocasse sentimentos de nostalgia e solidão.

Para a maioria dos pintores exilados, a arte transformou-se em um espaço revelador das ambiguidades delineadas pela guerra na Europa, elemento propulsor da fuga e do exílio temporário no Brasil. Em muitos casos, as dimensões das cenas íntimas e familiares ficaram reduzidas aos poucos objetos que conseguiram trazer do seu velho mundo. O conjunto das suas obras artísticas expressam o mal-estar desses homens e mulheres diante de uma Europa abalada pelo totalitarismo. Como refugiados (muitos dos quais apátridas), alteraram as suas formas de olhar o mundo em crise: nada mais era perfeito, nem as cidades e, muito menos, o ser humano. Dificilmente ficaram imunes ao fenômeno da destruição que produziu mutações

9 KERN, Daniela Pinheiro Machado, “Hanna Levy e a exposição de arte degenerada condenada pelo III Reich (1945)”, In: Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas- 250 Encontro da Anpap. Porto Alegre, 26 a 30 de setembro de 2016. http://anpap.org.br/anais/2016/comites/chtca/daniela_kern.pdf

nas paisagens, nos corpos e nas maneiras de imaginar o mundo. Suas inquietações nos induzem a caminhar por um labirinto cujas esquinas sem saída nos remetem ao (des)equilíbrio, a (des)razão e a (des)humanidade que marcaram os tempos de totalitarismo e o Holocausto.

Lacuna historiográfica

A trajetória dos artistas refugiados do nazifascismo no Brasil, por sua vez, ainda não mereceu a devida atenção dos historiadores da arte e de cultura política. Algumas retrospectivas têm, nas últimas décadas, se dedicado a reconstituir este legado. Citamos aqui as mostras: *Brasil, Um Refúgio nos Trópicos: a trajetória dos refugiados do nazifascismo*, com curadoria de Maria Luiza Tucci Carneiro, Centro Cultural Vergueiro, em parceria com o Instituto Goethe/S. Paulo, 1996; *Os Anos de Brasil de Axl Leskoschek: 1940-1948*, com curadoria de Peter Cohn e José Neistein, Dan Galeria. S. Paulo, 2016; *Au fil du temps: um percurso fotobiográfico de Maria Helena Vieira da Silva*; e *Exílio*, com curadoria de Carlos No; e *Àrpád Szenes e Vieira da Silva, os anos do exílio no Brasil (1940-1947)*, com curadoria de Marina Bairrão Ruivo, organizadas pela Fundação Àrpád Szenes – Vieira da Silva, em 2016 e 2017, respectivamente; *Entre-Mundos: o legado dos artistas refugiados do nazifascismo. Brasil, 1933-2017*, com curadoria de Maria Luiza Tucci Carneiro (Maifest 2017, Brooklin, S. Paulo).

Desde 2006, os pesquisadores do Núcleo de Estudos Arqshoah, do LEER-USP, vêm desenvolvendo um amplo inventário com o objetivo de identificar o maior número possível de artistas, intelectuais e cientistas que, a partir de 1933, vieram para o Brasil fugindo da Alemanha nazista e países ocupados, e do fascismo italiano. A partir de 2018, esse projeto – *Travessias* – pretende ampliar e sistematizar as informações sobre o tema, com o objetivo de publicar o *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: o legado dos refugiados do nazifascismo para a cultura brasileira*, sob a minha coordenação.

O olhar dos artistas refugiados do nazismo

Retomando o conceito de *revolução espiritual* através da arte, atrelado ao conceito de movimento de resistência ao nazifascismo, ressalto a produção de um grupo de artistas plásticos que, refugiados no Brasil entre 1933-1945, fizeram das suas telas uma crônica de sensações visuais e emocionais. Comprometidos com a história, na qualidade de personagens de um momento de convulsão da sociedade ocidental, esses refugiados e/ou exilados emergiram do seu universo trágico para interfe-

rir diretamente no universo da criação. Transformaram cada pincelada, cada traço, em imagens coloridas de sobressaltos emocionais, incorporando às suas obras fragmentos da guerra, da violência totalitária, do medo e da revolta, inspirados na sua vivência interior. Diferentes olhares sobre a guerra e a paz foram arrancados daquele mundo “cinzento”, sombrio e triste, apresentando múltiplos repertórios simbólicos delineados por metáforas e analogias. Fugindo da guerra e do nazifascismo, fizeram da sua arte uma forma de protesto e de resistência. Alguns optaram por formas abstratas, recriando no Brasil sua condição de cidadão do mundo, transformando em arte a tristeza do exílio ou da emigração forçada.

Dezenas de refugiados judeus fizeram de suas telas uma crônica de sensações visuais inspiradas na paz encontrada no novo mundo: o casario urbano, as paisagens tropicais, as frutas selvagens, o interior caipira, os tipos e hábitos brasileiros. Dentre estes citamos: Alice (Czapka) Brill (1920-1913), Axl Leskoschek (1889-1976), Gerda Bretani (1908-1999), Gisela Eichbaum (1920), Eva Lieblich, Hilde Waldman Weber (1913-1994) e Walter Lewy (1905-1995).

Muitas das soluções plásticas apresentadas por Walter Lewy, por exemplo, nos mostram através de cenas fantásticas, surrealistas, uma arte condicionada a reproduzir seu mundo interior e seus traumas. Assim como vários outros artistas judeus, Lewy teve sua carreira interceptada pelo antissemitismo alemão, que, em 1932 (portanto ainda na República de Weimar), teve a sua exposição individual em Bad Lippspringe fechada pela Câmara de Arte Alemã, que proibiu a participação dos judeus na vida artística, com o objetivo de recuperar os tradicionais valores “alemães” e “nórdicos”. Prenúncios de tempos sombrios, pois, em setembro de 1933, o Terceiro Reich instalou uma nova Câmara de Cultura (*Reichskulturkammer*) com o objetivo de supervisionar e controlar a produção cultural alemã.

Em busca do seu mundo perdido, Lewy buscou refúgio em Roterdã, na Holanda, e, em 1937, conseguiu fugir para o Brasil, deixando para trás centenas de trabalhos que foram perdidos durante os bombardeios da Segunda Guerra. No Brasil, intensificou a sua produção surrealista, estimulado pelo contraponto entre o inferno nazista presenciado na Alemanha e o paraíso brasileiro. Durante mais de meio século, construiu em suas obras um universo fictício, povoado por figuras bíblicas errantes, iluminadas por grandes sóis e luas dispostos em espaços inatingíveis¹⁰.

10 Sobre Walter Lewy, consultar: *Walter Lewy, 35 anos de Pintura no Brasil*. S. Paulo: Museu de Arte Moderna, 1994; HIRSZMAN, Maria. Resgate do pintor do impossível, In: *Estado de S. Paulo*, Caderno de Cultura, S. Paulo, 17.06.2013, link: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,resgate-do-pintor-do-impossivel-imp-,1043377>>; PECCININI, Daisy. Walter Lewy: mestre do surrealismo no Brasil. In: *Arte e Crítica/ Jornal da*



Walter Lewy, sem título, óleo sobre tela, s.d. Acervo A. Novinsky/SP.

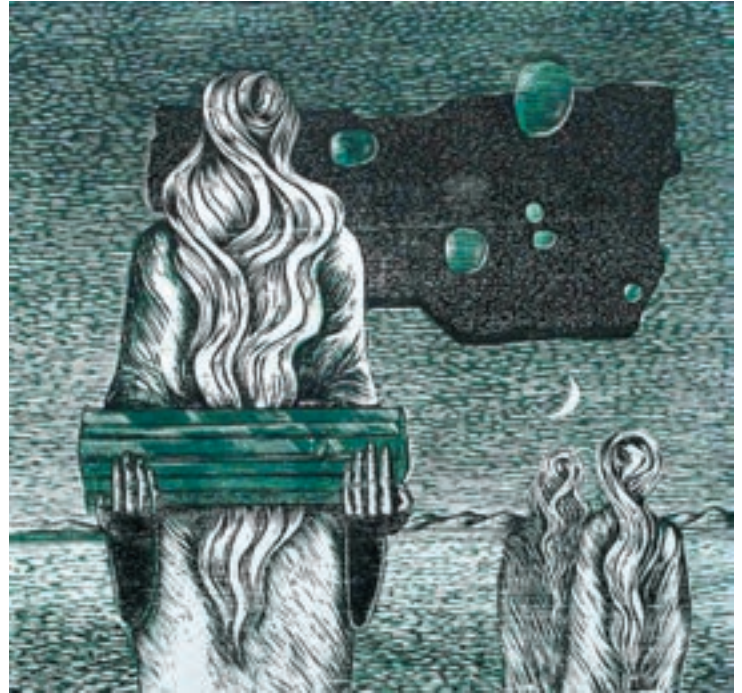
Em 1956, Lewy ilustrou com 12 pranchas o livro *Metamorfose*, de Franz Kafka, onde um ser humano é transformado em uma barata, postura que nos remete ao processo de desumanização do povo judeu imposto pela Alemanha nazista. Em oito das 12 pranchas, o ser humano aparece apenas como uma mancha, enquanto o inseto recebe traços bem detalhados. Através destas ilustrações, o artista satiriza e denuncia as torpezas humanas, projetando os horrores da guerra sob o formato do fantástico e do surreal. Além destas pranchas, são expressivas do tema da guerra duas xilogravuras intituladas *Enterro*, de 1942¹¹.

abca, n.28, Ano XII, setembro de 2013. Disponível em: <[http://abca.art.br/n28/08 daisy.html](http://abca.art.br/n28/08%20daisy.html)>.

11 KAFKA, Franz. *Metamorfose*, tradução de Brenno Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956; SEVERIANO, Maria de Fátima V. *Narcisismo e Publicidade: Uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade*, 2ª ed. S. Paulo: Annablume, 2001.



Walter Lewy, ilustração para o livro *Metamorfose*, de Franz Kafka, 1956.



Walter Lewy, *Enterro*, 1942.



Erich Brill, *o último autorretrato*, óleo s/tela, 55 x 44,5 cm. 1936/1937.

Pinacoteca do Estado de S. Paulo. Cópia cedida por Sílvia Capska Brill. Acervo Família Brill.

Para alguns artistas, a fuga do nazismo e da guerra transcorreu como um tempo de espera: o da volta à normalidade. Para Erich Brill (1895-1942), o retorno para a Alemanha em março de 1936 culminou com a sua prisão, em Bremen-Oslebshausen, onde permaneceu encarcerado por mais de cinco anos, até ser libertado em novembro de 1941. Expressivo desses momentos de terror é o seu autorretrato que reproduzimos ao lado. O seu tempo de liberdade foi curto: nesse mesmo ano de 1941, Erich Brill foi preso novamente, desta vez para deportação e morte por fuzilamento, no campo de Jungfernhof, em 26 de março de 1942, durante a *Operação Dünamiunde*.

Para o casal de artistas Árpád Szenes (1897-1985), judeu húngaro, e Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992), portuguesa de nascimento, a arte transformou-se em um espaço revelador das

ambiguidades delineadas pela guerra na Europa, elemento propulsor da fuga e de um exílio temporário no Brasil (1940- 1947). Em Paris, o casal Szenes e Vieira passa a frequentar o Café Raspail, ponto de encontro dos “Amis du Monde”, um grupo de intelectuais e artistas de esquerda que ali se reuniam para discutir arte e política. Em 1938, diante do avanço do fascismo, abandonam a sua residência na Villa des Camélias para instalar a sua casa-ateliê Boulevard Saint-Jacques. Pressionados pelas circunstâncias políticas, foram para Lisboa, onde Maria Helena tentou reaver a nacionalidade portuguesa, perdida após seu casamento com Árpád. Este processo de desenraizamento, ainda que temporário, certamente interferiu na forma de olharem o mundo na qualidade de apátridas e exilados. Somente em 1956, após o retorno à França, é que o casal obteve a nacionalidade francesa.

Um conjunto das obras de Maria Helena expressa o seu “mal-estar” diante de uma Europa abalada pelo fascismo, instigando-a a refletir sobre a existência do homem e seu destino. Imagens da fuga e da opressão impostas pelos regimes totalitários passam a fazer parte do seu universo de criação. Como exilados, Szenes e Vieira instalaram-se no Rio de Janeiro, em um dos chalés do antigo Hotel Internacional, transformado em pensão e reduto de artistas refugiados. Apesar dos anos de instabilidade, este grupo contribuiu para fortalecer a arte moderna no Brasil. Figuras encurraladas e sobrepostas pela tragédia emergem das telas coloridas e quadriculadas de Vieira, dentre as quais citamos: *Le Jeu de Cartes* e *La Scala* (1937), *Les Drapeaux Rouges* (1939), *La Forêt des Erreurs* (1941) e *Guerra ou Le Désastre* (1942)¹³. Em *La Forêt des Erreurs*, Maria Helena faz uma crítica social e política ao questionar o espaço onde todos têm razão pois ali tudo está sempre errado, nos remetendo a um mundo modelado por precon-



Fotógrafo não identificado. Maria Helena Vieira da Silva no Hotel Internacional, ponto de encontro dos refugiados do nazismo. Rio de Janeiro, 1940. Reproduzida do catálogo da exposição *Tempos de Guerra*, 1986¹²

12 Disponível em: <<http://midiacards.arteblog.com.br/123187/1986-TEMPOS-DE-GUERRA-Hotel-Internacional/>>. Acesso em 15/8/2015.

13 PEIXOTO, Celena da Graça Gonçalves. *Mundividências Poéticas: Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugénio de Andrade Guimarães*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade do Minho, maio de 2009. Disponível em: <[200https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9746/1/tese.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9746/1/tese.pdf)>.

ceitos. Mas é na sua obra *Guerra* (1942) que a pintora expressa a sua angústia diante dos tempos conturbados da Segunda Guerra Mundial.

Considerações preliminares

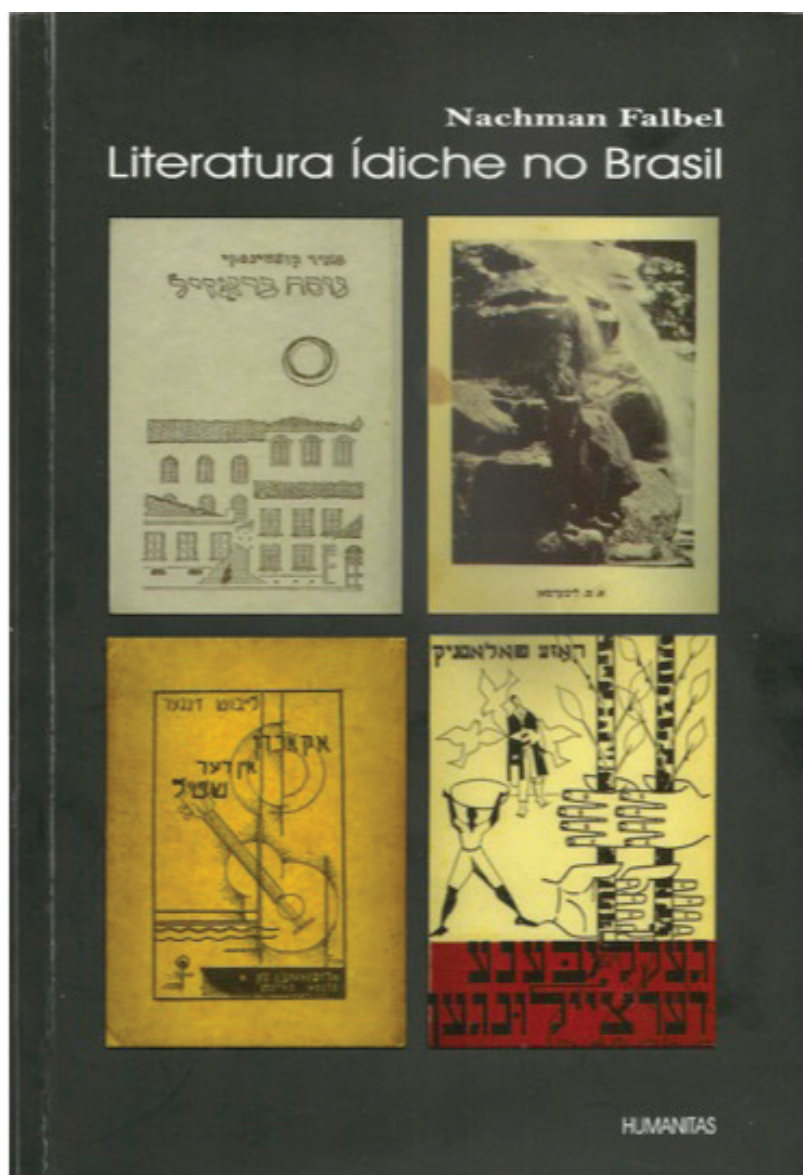
Ainda não temos conclusões finais, pois essa pesquisa encontra-se em aberto. Com certeza podemos afirmar que as obras dos artistas refugiados do nazifascismo no Brasil devem ser interpretadas como libelos contra a intolerância e a violência na Europa. Audaciosos, procuraram representar em suas telas a dor, o terror e o medo provocados pela guerra, assim como pelo antissemitismo. Suas inquietações nos induzem a caminhar por um labirinto cujas esquinas sem saída nos remetem ao (des)equilíbrio, a (des)razão e a (des)humanidade que marcaram os tempos de fascismo. Suas pinturas são hoje testemunhos históricos de um “estado de espírito” provocado por suas inquietações diante da banalização do Mal. Se os nazifascistas abusaram da violência, os artistas antifascistas usufruíram ao máximo do poder das metáforas para representar o mundo em convulsão.

Sobre a autora

Maria Luiza Tucci Carneiro é Historiadora, Professora Sênior e Livre-Docente do Departamento de História- FFLCH- Universidade de S. Paulo, coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação, junto ao qual desenvolve os projetos *Vozes do Holocausto* e *Travessias*. Autora dos livros: *Dez Mitos sobre os Judeus* (Atelie Editorial, 2014; versão em espanhol publicada pela Cátedra Editorial, 2016); *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos Refugiados do Nazifascismo* (Perspectiva, 2010; versão em francês publicada pela L' Harmattan, 2016); *Brasil Judaico, Mosaico de Nacionalidades* (Maayanot, 2013).

A expressão da literatura ídiche na imigração judaica para o Brasil

Sylvio Band



Itens da palestra

- Língua ídiche: sua origem e desenvolvimento no espaço e no tempo
- Conferência de Czernowitz - 1908
- Importância da literatura ídiche no contexto judaico e universal

Gêneros literários básicos apresentados na palestra

- História
- Ficção
- Poesia
- Memórias
- Ensaísmo

Tópicos apresentados:

- Lembranças do passado europeu
- A luta pela sobrevivência e a adaptação a novas profissões
- A dificuldade inicial seguida do sucesso profissional
- A justiça social, sionismo e suas diversas frentes de luta política e ideológica
- A religiosidade e suas transformações existenciais e institucionais.
- Assimilação: solução educacional e convivência com ela
- Teatro ídiche
- A vida nas colônias agrícolas no sul do país
- As “polacas” – prostituição judaica
- A politização do judeu durante a ditadura. Militância política e suas organizações
- A continuidade familiar e da tradição judaica. Preservação da ética
- Histórico e mapeamento da vida judaica em S. Paulo
- Os ecos da Segunda Guerra Mundial – Estado de Israel

Ficção

Leib Malach (Leibl Salzman), 1894-1936

Nasceu em Zwolen, Polônia, e viveu em Varsóvia, de 1907 a 1922, até ser descoberto pelo escritor H. D. Nomberg. Em 1922, estabeleceu-se em Buenos Aires. Vinha periodicamente ao Brasil e foi colaborador do jornal “Dos Idische Vochenblat”. Manteve contato com escritores brasileiros, entre eles Jacob Nachbin e Bernardo (Boruch) Schulman. Escreveu sobre o judaísmo brasileiro, e o tema de seu drama publicado em Buenos Aires, “Ibergus” (Regeneração), foi inspirado no Brasil. É autor do romance “Don Domingo’s Kraysveg” (*A encruzilhada de Don Domingo*), 1930, também inspirado na vida judaico-brasileira. Após viver na Argentina, onde colaborou nos jornais locais, viajou para os Estados Unidos, Érets Israel e outros países. Veio a falecer em Paris.



Leib Malach – Ibergus (*Regeneração*), G. F. Salita, Buenos Aires, 1926 (na página inicial consta: Rio de Janeiro, 1925 – Buenos Aires, 1926).

Rosa Palatnik, 1904-1979

Nasceu em Krochnik, Polônia. Após emigrar para a França, em 1929, veio ao Rio de Janeiro em 1936. Já com 16 anos, ganhou um prêmio literário na Polônia, o que ocorreria novamente mais tarde, tendo recebido o prestigioso prêmio “Fischel Bimko” por um conto publicado no famoso periódico “Di Goldene Keit” (A corrente de ouro). Publicou contos e reportagens no “Idische Folkstzeitung” e no “Idische Presse”, do Rio de Janeiro, e no “Der Naier Moment”, em S. Paulo, bem como na imprensa brasileira e de outros países. É autora dos livros “Krochnik-Rio”, “13 dert-

zeilungen" (13 contos), Geklibene dertzeilungen" (Contos escolhidos), "Beim geroish fun Atlantik" (No bramir do Atlântico), e outros.



Rosa Palatnik, *Geklibene dertzeilungen* (Contos escolhidos), Biblos, Rio de Janeiro, 1966.

Meier Kucinski, 1904-1976

Nasceu em Wlozlavek, Polônia, e foi ativo no Linke Poalei Zion (Partido de Esquerda dos Obreiros de Sião). Foi para o Brasil em 1935, fixando-se em S. Paulo. Ainda na Europa, despontou como escritor. Pesquisador desde sua juventude, vin-



Meier Kucinski, *Nusach Brazil* (*Estilo Brasil*) I.L.Peretz, Tel-Aviv, 1963.

culado ao YIVO (Instituto Científico Judaico), tornou-se uma figura influente entre os intelectuais de língua e cultura ídiche no Brasil. Foi mascate e professor de língua e literatura ídiche do Ginásio Hatchia (Renascença), em S. Paulo, tendo formado dezenas de alunos, incentivando-os no estudo da literatura judaica. Teve uma ampla participação na imprensa ídiche no país e no exterior, publicando contos, ensaios, crítica literária e estudos sobre temas judaicos. Seu trabalho sobre Zishe Breitbard, intitulado “Der Guibor” (*O Herói*) ganhou, em 1947, o prêmio Liessin nos Estados Unidos. É autor do “Nusach Brazil” (*Estilo Brasil*) e “Di palme beinkt tzu di sosne” (*A palmeira tem saudades do pinheiro*), da peça “Der flam fun Chana Senész” (*A chama de Chana Senész*), e outros escritos.

Itzhak Z. Raizman, 1901-1976

Nasceu em Sokolov-Podolski, Polônia, e viveu em Érets Israel entre 1919-1922. Começou a publicar ainda em Varsóvia, e veio para o Brasil em 1925, passando antes pela Argentina. Viveu certo tempo nos Estados Unidos, e mais tarde passou a viver em Israel, onde veio a falecer. Foi ativista político e exerceu a profissão de tipógrafo, professor, e editou o periódico de pouca duração “Der Naier Vort” (*A Nova Palavra*), em Porto Alegre. Interessado na história dos judeus no Brasil, publicou “Geschichte fun Idin in Brasil” (*História dos Judeus no Brasil*), “A fertlyohrhundert idische presse in Brazil” (*Um quarto de século de imprensa judaica no Brasil*), “Idische scheferishkeit in tender fun portugalischen loshen” (*Criatividade judaica nos países de língua portuguesa*), além do romance “Lebens in schturm” (*Vidas tempestuosas*).



Itzhak Z. Raizman, *Lebens in schturm* (*Vidas tempestuosas*),
Maasef Israel, Tel-Aviv, 1965.

Chaim Rapoport, 1915-1986

Nasceu em Varsóvia, Polônia. Participou na Brigada Internacional na Guerra Civil Espanhola, e durante a Segunda Guerra Mundial lutou no Exército Vermelho. Em 1946, chegou à Alemanha, e logo depois foi para o Brasil. Principiou publicando contos nos jornais da Polônia e de S. Paulo, onde se estabeleceu. Colaborou no “Der Naier Moment” e no “Ilustrirte Literarische Bletter” (*Páginas literárias ilustradas*), de Buenos Aires. É autor do livro “In di labirinten fun goirel” (*Nos Labirintos do destino*).

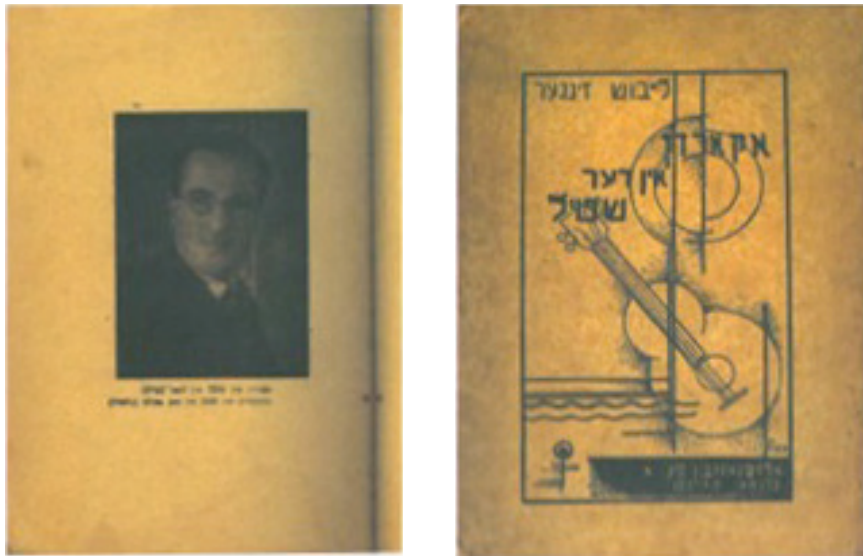


Chaim Rapoport, In di labirinten fun goirel (*Nos labirintos do destino*),
I. L. Peretz, Tel-Aviv, 1983.

Poesia

Leibush Singer, 1906-1939

Nasceu em Lutsk, Ucrânia. Veio ao Brasil em 1933. Poeta e contista, colaborou no jornal “San Pauler Idische Tzeitung” (*Gazeta Israelita de S. Paulo*). É autor das poesias e contos reunidos em sua memória por um grupo de amigos sob o título “Akordn in der Schtil” (*Acordes no silêncio*).



Leibush Singer, *Akordn in der schtil (Acordes no silêncio)*, S. Paulo, Tip. Frankenthal, S. Paulo, 1939.

J. (Josif) Landa, 1912-2000

Nasceu em Dondushen, Bessarábia. Veio ao Brasil em 1936 e passou a ser ativo colaborador da Associação Scholem Aleichem do Rio de Janeiro, desempenhando um papel importante junto à programação de seu grupo teatral. Publicou contos, poesias e artigos no “Undzer Schtime”, “Der Poilischer Id”, “Di Tzeit” e outros periódicos. É autor da obra “Lichtike kaioren, líder um dertzeilungen” (*Claras madrugadas, poesias e contos*).



J. Landa, Lichtike kaioren, líder un dertzeilungen (*Claras madrugadas, poesias e contos*), Monte Scopus, Rio de Janeiro, 1959.

Elias Lipiner, 1916-1998

Nasceu em Hotyn, Bessarábia, e veio ao Brasil em 1935. Formou-se em advocacia, foi professor no ginásio “Hatchia” (Renascença), tomando parte na imprensa judaica de S. Paulo e Rio de Janeiro, na qual escrevia em ídiche e português. Foi redator do jornal “Der Neier Moment” (O Novo Momento), de S. Paulo (1950-52), e foi colaborador do periódico “Aonde Vamos?”, no Rio de Janeiro. Lipiner destacou-se



Elias Lipiner, Bai di taichen fin Portugal (*Junto aos rios de Portugal*), IWO, Buenos Aires, 1949.

como historiador dos cristãos-novos e da Inquisição no Brasil e em Portugal, dando uma contribuição ímpar nessa área de estudos. Sua formação e cultura judaica o levou a escrever trabalhos sobre o alfabeto hebraico e outros temas. É autor de “Oisies dertzeilen” (*Letras contam*), “Ideologie fin Alef-beis” (Ideologia do alfabeto), “Tzvischen marranenthum un schmad” (*Entre o marranismo e a conversão*), “Bei di taichen fin Portugal” (*Nos rios de Portugal*), e uma série de obras originais e pioneiras, em português, hebraico e ídiche, sobre cristãos-novos e a instituição inquisitorial, que, em seu conjunto, constitui uma fonte indispensável para o conhecimento do período colonial brasileiro e da história de Portugal.



Elias Lipiner, *Oisies dertzeilen* (*Letras contam*), Mosaik, S. Paulo, 1941, com ilustrações de Lasar Segall.



Moisés Kahan, 1908-1972

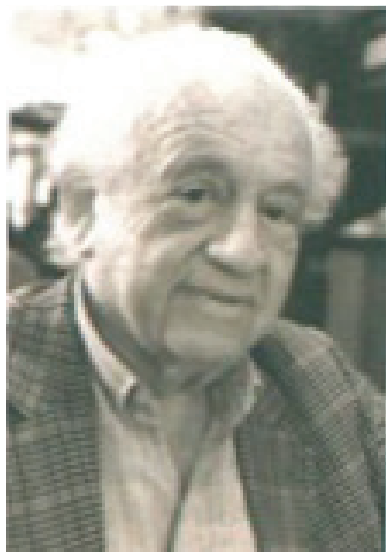
Nasceu em Rowno, Polônia. Veio ao Brasil em 1928 e formou-se na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Em S. Paulo, dedicou-se às atividades comunitárias e foi colaborador de suas instituições mais importantes, como a Federação Israelita do Estado de S. Paulo, Organização Sionista Unificada e Confederação das Entidades Israelitas do Brasil. Publicou em português obras sobre judaísmo no Brasil, sob o título “Judeidade” e “Judeologia”. É autor da obra “Idin in der antschtaiung fun Brazil” (*Judeus nos albores do Brasil*), também traduzida para o português.



Moises Kahan, *Idin in der antschtaiung fun Brazil (Judeus nos albores do Brasil)*, Der neier Moment, S. Paulo, 1955.

Samuel Malamud, 1908-2000

Nasceu em Mogilev-Podolski, Ucrânia, e veio ao Brasil em 1923. Formou-se advogado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e tomou parte na vida comunitária dessa cidade desde a sua juventude. Ocupou cargos importantes nas instituições locais e tornou-se uma figura central no movimento sionista do Brasil, sendo designado, em 1949, Cônsul Honorário do Estado de Israel. Foi colaborador de vários jornais de língua ídiche e publicou ensaios e artigos em periódicos e revistas de língua portuguesa. Também se destacou como memorialista da vida judaica em nosso país. É autor do livro “In ondenk fun Praça Onze” (*Recordação da Praça Onze*).



Samuel Malamud, In ondenk fun "Praça Onze" (Recordação da Praça Onze), Idische presse, Rio de Janeiro, 1981.

Itzhak Borenstein, 1902-1984

Nasceu em Lovitch, Polônia. Durante a Segunda Guerra Mundial, conseguiu fugir dos nazistas, mas foi preso e enviado pelos russos à Sibéria, sendo libertado em 1941. Voltou à Polônia em 1946 e, em 1950, imigrou para Israel. Em 1952, veio para o Brasil. Tendo atuado como jornalista na Polônia, começou a escrever artigos para os jornais locais e de outros países. Também participou no "Der Naier Moment", de S. Paulo. É o autor do livro "Warsche fun nechten" (Varsóvia de ontem).



Itzhak Borenstein, Varshe fun nechten (Varsóvia de ontem), Tip. Frankenthal, S. Paulo, 1967.



Konrad Charmatz, 1910-1986

Nasceu em Ostrovietz, Polônia. Veio ao Brasil em 1946, após sobreviver aos campos de extermínio nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Charmatz começou sua atividade jornalística e literária antes da guerra. Quando os alemães ocuparam a Polônia, foi deportado para Auschwitz, e mais tarde para Dachau. Ao terminar a guerra, colaborou no “Undzer Vort” (*Nossa Palavra*), de Paris, e em outros periódicos criados por sobreviventes da Shoá na Alemanha e Itália.

No Rio de Janeiro foi corredator do semanário “Imprensa Israelita”. Mais tarde passou a viver em S. Paulo e tornou-se redator do jornal “Der Naier Moment”. É autor do livro “Koschmaren” (*Pesadelos*), também traduzido ao português.



Konrad Charmatz, *Koschmarn (Pesadelos)*, *Der Neier Moment*, S. Paulo, 1975.

Créditos

Material de pesquisa:

Prof. Nachman Falbel
Prof. Bertha Waldman
Família Sendacz
Sylvio Band (arquivo pessoal)

Poesias recitadas em ídiche

Sylvio Band e Hugueta Sendacz

Traduções recitadas em português

Ator Sérgio Mamberti

Traduções para o português

Hugheta Sendacz
Ayala Kalnicki

Shvimt a shif = Singra um navio, de Iosif Sendacz

Varsheve = Varsóvia

Lichtigue kayorn = Claras Madrugadas, de Iosef Landa

Unter dainen vaise shtern = Debaixo de tuas brancas estrelas

Sobre o autor

Sylvio Band é Professor convidado da Universidade de S. Paulo – USP, pesquisador da Filosofia da História – USP, engenheiro, matemático e pesquisador e palestrante da língua e cultura ídiche.

